



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

RAUDRIANE SILVA COELHO

A VISÃO CELULAR NO MODELO DOS 12:
UM ESTUDO DA ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO NA IGREJA MINISTÉRIO
INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM

**Santarém
2019**

RAUDRIANE SILVA COELHO

A VISÃO CELULAR NO MODELO DOS 12:
UM ESTUDO DA ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO NA IGREJA MINISTÉRIO
INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientadora: Lucybeth Camargo de Arruda

Santarém
2019

RAUDRIANE SILVA COELHO

A VISÃO CELULAR NO MODELO DOS 12:
UM ESTUDO DA ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO NA IGREJA MINISTÉRIO
INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia ; Universidade Federal do Oeste do Pará , Instituto de Ciências da Sociedade.

Conceito:

Data de Aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Lucybeth Camargo de Arruda - (Orientadora)
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^o Dr^o Miguel Aparício Suarez (Membro Interno)
Universidade Federal do Oeste do Pará

Mestre em Antropologia Diego Darlisson dos Santos Sousa (Membro Externo)
Universidade Federal do Amazonas

Prof^o Dr^o Eduardo Soares Nunes (Suplente)
Universidade Federal do Oeste do Pará

Ao meu pai, Raimundo Santos Coelho, *in
memoriam.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus. Para ti Meu Senhor, toda honra e toda glória! Essa vitória é para engrandecer teu nome. Eu te dou graças por todas as dificuldades, os sofrimentos, as glórias e a proteção. Agradeço ainda, por ter me dado força e ter me transformado em uma pessoa persistente, quando as circunstâncias adversas diziam que não conseguiria.

Nos percalços da vida, às vezes, não conseguimos ir muito longe sozinhos, por essa razão não posso deixar de agradecer de modo especial às pessoas que estiveram ao meu lado nessa realização. Aqui quero agradecer à minha amada Mãe e heroína, Maria Isabel Silva Coelho, essa vitória é muito mais sua do que minha, és a inspiração que fez continuar e não desistir.

Aos meus Irmãos: Raiulis Coelho, Raurianhi Coelho e Raulielson Coelho. Obrigada!

Aos meus sobrinhos amados Arthur, Rilare e a mais nova que chegou para somar nas traquinagens e na alegria, Raieli. Obrigada!

Entre os agradecimentos Institucionais, não poderia faltar a Ufopa, que me cedeu os caminhos na busca dos conhecimentos, bem como também ao Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) que me forneceu construções de saberes. Obrigada!

Agradeço aos professores do PAA, com quem muito aprendi: Anne Rapp Py-Daniel, Clayde de Paula Morais, Carla Ramos, Helena Moreira Schiel, Luciana França, Luciana Carvalho, Florêncio Vaz, Pedro Leal, Ângela Garcia, Raiana Ferrugem, Rubens Elias.

Agradeço também a minha orientadora, Lucybeth Camargo de Arruda, pelas orientações e, principalmente, por confiar em mim e pela paciência, obrigada eternamente.

Aos apóstolos e pastores do Ministério Internacional da Restauração (MIR). À Senhora Selma Marinho, líder de célula do MIR. Obrigada pelos minutos preciosos de seus dias, dedicados a responder minhas insistentes perguntas e por acima de tudo ter confiado a mim sua história de vida! Aos líderes de células, membros e as células da comunidade pesquisada. Às secretárias da respectiva igreja, fundamentais neste processo de pesquisa, Sâmara e Luciana. Obrigado por atender minhas solicitações em meio às suas tarefas.

RESUMO

O presente estudo analisa a estratégia de expansão das igrejas evangélicas em células, a partir da visão celular no modelo dos 12 na igreja Ministério Internacional da Restauração, em Santarém-Pará. Com este estudo foi possível perceber que a ressignificação dos cultos domésticos, através das células no M12, sistematizou o trabalho deste grupo, criando uma estratégia de inserção e aumento da influência evangélica na cidade de Santarém a partir das casas. Das observações em campo e conversas com alguns interlocutores foi possível refletir à luz de Berger (1985) a visão celular como “um empreendimento de construção de mundo”, onde essa organização religiosa ou os seus membros passam a ser também criados por esse modelo de célula. E nesse processo de construção de mundo, eles adotam uma espécie de lema, que eles nomeiam como a escada do sucesso (ganhar, consolidar, discipular e enviar) e tudo isso nos permitiu pensar a importância da religião como fornecedora de sentido da realidade. Utilizando como referência a ideia do artigo “o trânsito religioso brasileiro” de Almeida e Monteiro (2001), foi possível analisar as células no M12 como uma das diversas formas de estar no mundo da visão celular, e com isso evidenciar a presença de um permanente processo de reinvenção, rearticulação, metamorfoses, diferenciações e reelaborações do movimento celular. Além disso, por meio da história de vida de um de nossos interlocutores, emergiram apontamentos para pensarmos de como a trajetória desses líderes nessa instituição religiosa realiza uma espécie de reordenação moral, ou seja, de como a conversão dá suporte a vida das pessoas. A partir desse estudo foi possível pensar em categorias sociais pautadas pela antropologia buscando assim interpretar as relações entre a esfera religiosa e a social.

Palavras-chave: Visão Celular. Ministério Internacional da Restauração. Modelo dos doze. Estratégia de Expansão.

ABSTRACT

The present study examines the expansion strategy of Evangelical churches in cells, from the vision of 12 model cell in church Ministry, International in Santarém-Pará. With this study it was possible to notice that the resignification of the domestic worship, through the cells in the M12, systematized the work of this group, creating a strategy of inclusion and increasing influence on Evangelical city of Santarém from the houses. Field observations and conversations with some interlocutors was unable to reflect the light of Berger (1985) the cell vision as "a world-building enterprise", where this religious organization or its members are also created by this model of cell. And in the process of building world, they adopt a kind of motto, which they name as the ladder of success (win, consolidate, disciple and send) and all this allowed us to think about the importance of religion as a sense of reality. Using as a reference the idea of the article "the Brazilian religious transit" of Almeida and Monteiro (2001), it was possible to analyze the cells in the M12 as one of several ways of being in the world of cellular vision, and with that show the presence of a permanent process of reinvention, rearticulation, metamorphoses, the poems of cell movement and differentiation. In addition, through the life story of one of our interlocutors, to think of how notes emerged the trajectory of these leaders that religious institution performs a kind of moral, i.e. reordering of how the conversion supports the life of the people. From this study it was possible to think of social categories based by anthropology seeking so interpret the relationships between the religious and the social sphere.

Keywords: Cell Vision. International Ministry of Restoration. Model of the twelve. Expansion strategy.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1- O MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM-COMPONDO UM CONTEXTO	19
1.1 A VISÃO CELULAR - PROCESSO HISTÓRICO E TEÓRICO.....	24
CAPÍTULO 2- O MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM E O MODELO 12.....	34
2.1 O SURGIMENTO DO M12.....	36
2.2 POR QUE 12? POR QUE O MODELO DOS 12? E POR QUE EQUIPE ?	38
CAPÍTULO3- DOCTRINAS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO M12.....	42
3.1 A ESTRUTURA DE UMA CÉLULA	46
3.2 OS PROPÓSITOS DE UMA CÉLULA	47
3.3 AS FASES DISTINTAS E UMA CÉLULA.....	49
3.4 O LÍDER DE CÉLULA E SUAS RESPONSABILIDADES.....	50
3.5 AFINAL , QUEM É O (A) LÍDER NO M12? QUAL SUA HISTÓRIA DE VIDA?.....	52
3.5.1 DONA SELMA	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	66

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Escada do Sucesso ou Êxito.....	13
Imagem 2 – Localização do Ministério Internacional da Restauração.....	19
Imagem 3 – Entrada do Ministério Internacional da Restauração.....	20
Imagem 4 – Parte Interna do Ministério Internacional da Restauração.....	20
Imagem 5 – Menorah (Candelabro de sete pontas)	28
Imagem 6 – Mezuzah (Arca da Aliança)	28
Imagem 7 – Talit (Xale de oração judaico).....	29
Imagem 8 - Ser 12 e ter 12.....	41
Imagem 9 – As células como uma extensão do Ministério Internacional da Restauração.....	45
Imagem 10 – Célula estrutura definida, formada por um grupo limitado de pessoas.....	45
Imagem 11 – Estrutura básica de uma célula no Modelo dos 12.....	46
Imagem 12 – Imagem do propósito de uma célula.....	47
Imagem 13 – As fases distintas e uma célula.....	49

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo sobre a estratégia de expansão das igrejas evangélicas em células, segundo a visão celular no modelo dos 12 (M12) praticada pela igreja Ministério Internacional da Restauração (MIR) , não surgiu como meu interesse inicial. A princípio¹, pretendia pesquisar as formas de atuação das mulheres desta religião. Mas dentre uma dessas idas ao campo, pude observar que logo na entrada dessa igreja tinha uma fachada bem grande que trazia escrito no seu lado esquerdo, a sigla MIR (Ministério Internacional da Restauração), do outro lado estava escrito Igreja Apostólica Celular no Modelo dos 12 e logo abaixo, quatro palavras: *Ganhar, Consolidar, Discipular e Enviar*.

Não obstante a isso, em outro momento observei uma bandeira do Pará no palco que trazia escrito: “Investindo nos 12 para ser Modelo na Visão”. Em cada culto era enfatizado a necessidade de *ser 12 e ter 12, ganhar, consolidar discipular, enviar*, de se alcançar discípulos. O que parecia que assim como a bruxaria participava de toda vida Zande², assim era esse modelo de célula na vida desse grupo. “A visão celular no modelo dos 12 parecia ser onipresente” na vida dos membros dessa corrente religiosa. Tanto nos cultos de domingo, nas reuniões no meio da semana, nas células nos dias de quarta-feira e no dia a dia dos membros dessa denominação, o que regia a vida dos mesmos era o modelo dos 12 (M12).

Isso tudo me remetia à ideia de Peter Berger em sua obra “O Dossel Sagrado”, que asseverava a importância da religião como fornecedora de sentido da realidade. Ou seja, esse modelo de célula me permitia então tentar entender o “empreendimento de construção de mundo” (BERGER, 1985, p.15) dessa congregação e o sentido desse mundo para os seus adeptos.

O campo me mostra que a visão celular no modelo dos 12 seria muito mais que uma reunião. Nesse sentido, assim como Evans-Pritchard, deixei que o campo “falasse”. Eu não tinha interesse inicialmente, como falei outrora, em estudar a visão

¹ Esse princípio que me refiro remonta ao ano de 2014. O despertar do interesse pelo estudo sobre a estratégia de expansão das igrejas evangélicas em células, segundo a Visão Celular no Modelo dos 12 (M12) praticada pela igreja Ministério Internacional da Restauração (MIR), ocorreu em meados de 2015.

² Faço analogia ao povo Zande, onde segundo Evans-Pritchard a bruxaria fazia parte das relações sociais estabelecidas, bem como nas relações cotidianas entre grupos e os próprios clãs.

celular no modelo dos 12, mas as narrativas do grupo acabaram me instigando a entender melhor esse modelo de célula.

Em um culto, o pastor lembrou a necessidade de cada líder de célula entregar o relatório e utilizou um termo que me incentivou ainda mais: “esse é o nosso *negócio*.” Palavras como visão, ganhar, consolidar, discipular, enviar; Investir; meta; negócio; a frase, ser 12 e ter 12, soavam como um *blues que Roberto Da Matta fala em anthropological blues, cuja sinfonia se dava em meio à repetição dessas expressões*, ganhando assim força e se tornando mais perceptível (Da Matta 1978, p. 6). Esses “acordes” estavam presentes em cada reunião, nos cultos de domingo, nas redes. As redes são uma espécie de ajuntamento de todas as células que estão debaixo de uma mesma homogeneidade, onde o intuito segundo a cosmovisão dessa instituição estudada é edificar e multiplicar aquele grupo específico que compõe a igreja. O M12 é organizado em redes específicas, por exemplo, se tem rede de homens, rede de mulheres, rede de casais, rede de adolescentes, rede de crianças e rede de jovens.

A reiteração de tais “acordes” passaram a me instigar, parafraseando Roberto Da Matta (1978, p.5) eles me fizeram agir como as crianças e me conduziam aos “porquês”. Por que a adoção de conceitos empresariais na estrutura desse modelo de célula? Por que o Ministério Internacional da Restauração trabalha com esse modelo de célula na sua organização eclesiástica? Como funcionaria uma célula no modelo dos 12? Por que 12? O que seria ou quem seriam esses 12? Por que esse movimento de célula no modelo dos 12 no Pará?

Foi então, nesse momento que surgiu em campo a temática deste trabalho, essa era a “batida” policial na briga de galo, que permitiu a Geertz o acesso ao universo balinês (Geertz, 1989)³. Ali pude perceber que as práticas e representações desse modelo de célula seria a porta para compreender os usos de alguns termos empresariais que os mesmos usam e aproximar as relações entre esse “*modelo de células*” e a ação de uma estratégia de discipulado da igreja evangélica Ministério Internacional da Restauração (MIR), na cidade de Santarém.

³ Faço alusão a sobre a Briga de Galos Balinesa, do autor Clifford Geertz .

O processo de estruturação do Ministério Internacional da Restauração (MIR) consiste, basicamente, na adoção de uma estratégia de crescimento chamada de “a visão celular no modelo dos doze”. Este modelo de célula exalta as reuniões nos lares, ou seja, realiza cultos nas casas dos fiéis participantes da igreja. Trata-se de reuniões que ocorrem semanalmente às quartas-feiras ou sábados e cujo objetivo é a evangelização. Cada participante tem como responsabilidade levar convidados para célula a fim de que estes possam torna-se membros dela.

A estrutura básica de composição de uma célula é: o *líder*, o *auxiliar* e o *anfitrião*. O líder é o responsável pela organização, direção e é quem representa o “pastor” e possui maior prestígio dentro da célula. Tem-se ainda um *auxiliar ou vice-líder*, que é um líder em treinamento; assume responsabilidades como, por exemplo, o de ajudar na direção das reuniões e, além, de auxiliar o *líder* será o responsável pela próxima *célula*, caso esta se multiplique em outra célula e, conseqüentemente, vá para outra residência. O *anfitrião* por sua vez é a pessoa que disponibiliza sua casa para as reuniões da célula.

As células vão muito mais além de um culto em casa, elas são administradas pelo modelo dos doze (M12) local, desde a mensagem religiosa que é feita pelo pastor local, que recebe relatórios dos seus liderados. Relatórios esses que trazem o nome do líder, do auxiliar, o número e o nome das pessoas que participaram da célula; bem como também as informações de como foi à reunião: se houve conversões, se as pessoas que se converteram estão sendo acompanhadas.

Na visão de Mendes e Silva⁴ (2006, p.103), “as transformações por que passam as organizações religiosas hodiernas podem ser comparadas àquelas observadas no cotidiano secular, cujos objetivos poderiam residir na igual busca do “tripé”: qualidade, produtividade e eficiência”.

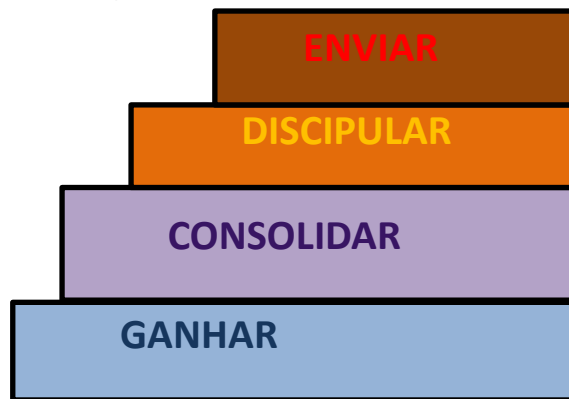
Para Souza e Pinto (2013) “esse formato assemelha-se ao marketing corporativo de empresas como Herbalife⁵, onde se estimulam a realização de reuniões de divulgação nas casas de famílias, que seriam potenciais consumidores

⁴ Ana Magnólia Bezerra Mendes e Rogério Rodrigues da Silva no artigo intitulado: Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional, mostraram a relação entre as transformações das organizações religiosas e a vivência de prazer e sofrimento de seus líderes.

⁵ É uma empresa global de nutrição que comercializa produtos de controle de peso, nutrição e cuidados pessoais para um estilo de vida saudável. Esses produtos são vendidos em mais de 90 países por meio de uma rede de mais de dois milhões de consultores.

do seu produto” e Mary Kay⁶. A Mary Kay incentiva seus revendedores não só a vender, mas a atrair também novos distribuidores para a empresa, ou seja, a formar a sua própria equipe de vendedores. Essa maneira de trabalho se pauta na construção de relacionamentos em corrente ou rede, com o propósito de atrair e fidelizar clientes⁷. O M12 se volta não para o possível cliente de empresa, mas sim para o potencial fiel de igreja. E para tanto, tal modelo foca em quatro pontos: ganhar, consolidar, discipular e enviar, como ilustra a figura abaixo:

Imagem 1: Escada de Sucesso ou Êxito



Fonte: www.mir.org.br(2017)

A Escada de Sucesso ou Êxito é um termo aplicado a uma escala evolutiva que a visão celular adota. Como se trata de uma escada, ela vai possuir degraus. No referido caso são quatro degraus: o primeiro é ganhar, segundo consolidar, terceiro discipular e o quarto é enviar. As pessoas que vão se “convertendo” nas células são incentivadas a galgar a “Escada de Sucesso ou Êxito”.

Nessa escada de sucesso ou êxito o *ganhar* ocupa o primeiro degrau, que consiste na captação de novos fiéis. Isso ocorre por meio do *evangelismo pessoal, nas células, nos cultos normalmente e nas redes ministeriais*⁸. O segundo degrau é o *consolidar*, aqui ocorre o processo doutrinário dos novos fiéis. Cada pessoa que “se converte” (novo crente) preenche fichas informando dados como endereço e telefone. A posteriori, essa pessoa recebe ligações e visitas pessoais dos chamados consolidadores, os responsáveis por fidelizar esse novo crente, ou seja, por convencer estas pessoas a continuar frequentando o MIR e também encaminhá-lo a

⁶ Empresa que trabalha com consultoria de beleza. A Mary Kay ocupa o terceiro lugar de venda de produtos de beleza e cuidados pessoais, atrás da Avon e da Natura.

⁷ Tornar um cliente fiel a um produto, marca, serviço e etc.

⁸ Aqui se refere aos da rede de homens, rede de mulheres, rede de casais, rede de jovens, rede de adolescentes e rede de crianças.

frequentar uma célula. Caso isto ocorra, a pessoa é conduzida a passar pelo processo de formação de discípulos ou líderes. Nessa etapa a pessoa recebe ensinamentos e doutrinas da visão celular no modelo dos doze através do pré-encontro (que é realizado em dois dias), o encontro (realizado em três dias) e o pós-encontro (realizado em dois dias).

No terceiro degrau está o discipular, nesse, após o novo crente ter passado pelo encontro frequentará a Escola de Líderes, onde possui duração de nove meses. E por fim, se tem no quarto degrau o *enviar*. Esse degrau é alcançado quando o mesmo já está pronto para fazer novos prosélitos e os encaminhar para o mesmo processo pelo qual passou. A máxima desse modelo de célula é a habilidade de conseguir envolver os seus participantes no trabalho de crescimento quantitativo. Andrade (2010, p.95) assevera que “todos são induzidos a entrar no sistema de controle e expansão”.

O alvo de cada líder se debruça em formar os seus doze discípulos. E nesse método de gestão de células cada pessoa que se torna líder terá que se submeter a prestação de contas com outro líder. De fim ao cabo “a estrutura hierárquica do M12 atua em função do gerenciamento e do crescimento das células na igreja” (ANDRADE, 2010, p.95).

O modelo de célula adotado pelo MIR está amparado pela construção e sistematização de uma espécie de estratégia gerencial. Onde o leigo exerce um papel fundamental, ou seja, ele atua de forma ativa, transformando-se de certa forma no principal motor de crescimento, mas sem anular o papel do especialista do sagrado⁹, que aparece como uma espécie de gerente de grupos, que arquiteta as metas de crescimento, bem como motiva e controla o trabalho do leigo.

Para esse modelo de célula, os membros não aparecem como meros espectadores. A ênfase da atuação do leigo para promoção do crescimento institucional aparece como uma proposta contrária a que Bourdieu apresenta em sua obra a economia das trocas simbólicas¹⁰, em que os especialistas dos sagrados (sacerdote, mago e profeta) concorrem entre si pelo monopólio de distribuição dos bens sagrados, e o leigo atua em um papel secundário de consumidor dos bens religiosos produzidos pelos especialistas. (BOURDIEU, 2007, p.50,51).

⁹ Esse especialista do sagrado aparece como o pastor, bispo ou apóstolo.

¹⁰ Ver no capítulo gênese e estrutura do campo religioso.

Como se pode perceber, nesse modelo de célula existe de certa forma uma descentralização e um aumento do cooperativismo entre o corpo de especialistas (pastores, bispos e apóstolos) religiosos e os leigos (são os demais membros da igreja), e isso acaba favorecendo assim o crescimento da igreja. Nessa estratégia os leigos ficam responsáveis pela conquista de novos membros, proporcionando assim uma expansão da igreja.

Foi possível observar no campo e nas falas de alguns interlocutores envolvidos diretamente nesse modelo de célula, que esse leigo é estimulado a se tornar um líder. Os leigos que alcançam, por exemplo, um determinado número de células, discípulos matriculados na escola de líderes, que enfim, tornam-se líderes empenhados com o crescimento institucional podem alcançar a entrada no corpo de especialistas do sagrado, sendo então consagrado a pastor, bispo e por fim apóstolo.

A estratégia de crescimento institucional baseada em grupos pequenos é um fenômeno mundial e possui múltiplos formatos, que vai desde G-5¹¹, G-12¹², M-12¹³, MDA¹⁴. As principais igrejas que adotam esse modelo estão espalhadas na Coreia do sul (G-5), Colômbia (G-12), Manaus (M-12), Santarém (MDA).

Observamos que a existência dos grupos evangélicos tem se pautado em metamorfoses contínuas, em permanente processo de reinvenção e rearticulação. Diante disso, refletimos essas transformações inspirada em “o trânsito religioso brasileiro” que vemos com Almeida e Monteiro (2001).

Almeida e Monteiro (2001) em sua proposta de estudo elenca que “o trânsito religioso brasileiro” ocorre por meio das diferentes tradições religiosas *que* estão em permanente processo de reinvenção e rearticulação muitas vezes responsável pelo obscurecimento da nitidez das fronteiras (Almeida e Monteiro, 2001, p. 92). Observamos as “células” da mesma forma, pautado no processo de reinvenção e rearticulação no mundo da Visão Celular.

¹¹ Modelo de célula divulgado por Paul Yonggi Cho (mais na adiante veremos um pouco mais desse modelo de célula).

¹² Modelo de célula divulgado por Cesar Castellanos.

¹³ Modelo de célula divulgado por Renê Terra Nova.

¹⁴ Modelo de célula divulgado por Abe Huber.

Vimos que as formas de estar do movimento celular apresentam diversos modelos, e ao longo do tempo está longe de ser homogêneo, temos o modelo do G-5, modelo no G-12, modelo do MDA e modelo do M-12. No contexto desses modelos é latente a presença de um processo de reinvenção, rearticulação, e reelaborações.

Pondero a visão celular no modelo dos 12 na vida do grupo estudado como “um empreendimento de construção de mundo” (BERGER, 1985, p.15). Ou seja, reflito à luz de Peter Berger sobre a importância da religião como fornecedora de sentido da realidade. Esse sistema de trabalho (M12), segundo a fala de Berger (1985) é um construto humano. O homem ou os membros dessa denominação passam a ser criados por esse modelo de célula. Essa construção rege a vida desse grupo de tal forma que a célula no modelo dos 12 passa a ser a espinha dorsal da igreja. O sentido da vida dessas pessoas passa a ser essa reunião; o alvo de todo membro é ser 12 e ter 12, bem como multiplicar sua célula.

Em concomitância à pesquisa de campo, fundamento a experiência do trabalho de campo dialogando com Roberto Da Matta. O autor afirma que a experiência do trabalho de campo se dá a partir do movimento, do deslocamento do pesquisador em relação à própria sociedade. O antropólogo que decide estudar o “outro” que o cerca, ou seja, decide pesquisar a sua própria sociedade, precisa experimentar o “estranhamento” dentro de sua própria cultura. E no que concerne esse observar o familiar, o pesquisador tem que ser imparcial com a realidade; ele tem que transformar o familiar em exótico. A segunda parte do movimento seria o distanciamento do familiar “e assim descobrir o *exótico* no que está petrificado dentro de nós” (Da Matta, 1978, p. 5).

Na fala do autor Velho (1980), em seu artigo Observando o familiar, é demonstrado que sem dúvida esses movimentos são efetuados, no entanto a questão envolve não somente uma distância social ou geográfica, pois cabe ao antropólogo no exercício de suas atividades desnaturalizar as suas categorias tornando possível a interpretação, a partir de determinado ponto de vista, assim “permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros.” (Velho, 1980, p.9).

O presente trabalho debruça-se, especificamente, na visão celular do modelo dos 12. Para isso, realizamos um estudo a partir do Ministério Internacional da Restauração em Santarém.

No tocante a investigação da temática, realizou-se uma pesquisa ancorada no método de pesquisa qualitativo. Desta forma, se utilizou de trabalho de campo. Seguindo o método da observação-participante, as observações foram ancoradas nas contribuições do clássico Malinowski (1978), de Geertz (1989) que aborda sobre como fazer uma boa descrição etnográfica (descrição densa), levando-se em conta que os dados obtidos passam pelo elo de significação e isso conseqüentemente implica em interpretação. Para Geertz, a etnografia deve fundamentar-se num esforço de ler as sociedades estudadas, e isso por sua vez os conduz a interpretação de todos os aspectos, bem como a procura de significados das instituições culturais.

Também lançamos mão dos estudos de Roberto Cardoso de Oliveira (2000) que trabalha a importância do “olhar” e do “ouvir”, que devem ser treinados para a percepção do fenômeno no trabalho de campo, além da relevância do ato de “escrever” como mecanismo importante de reflexão que dá a configuração final do trabalho antropológico.

Complementando as observações, busco obter a percepção de fiéis e contribuições dos fiéis do MIR através de entrevistas. Nesse processo de coleta de dados, fez-se entrevistas semiestruturadas, as quais foram realizadas entre apóstolos, bispo, líderes de células e membros de células e outros fiéis da igreja. A fim de preservar o anonimato dos informantes, todos os nomes citados são fictícios.

Por meio destas entrevistas, foi possível obter informações a respeito da diversidade de modelos de célula, do trabalho em células aqui em Santarém, do M12, sua implantação no MIR, da história de vida de alguns líderes dessa denominação.

Fez-se também o uso de máquina fotográfica, sob a permissão do grupo para enriquecer visualmente o trabalho; diário de campo, para anotações referentes à organização, funcionamento das células e dos cultos do MIR, para o registro dos acontecimentos e para as interpretações feitas no momento da pesquisa.

Construiu-se esta pesquisa em três capítulos distribuídos para melhor compreender o tema proposto. Assim, no primeiro capítulo contextualizo o surgimento do Ministério Internacional da Restauração em Santarém, situando assim o leitor acerca do surgimento da Primeira Igreja Batista da Restauração em Santarém (PIBES) – mais conhecida como Ministério Internacional da Restauração (MIR) – em um contexto de transformações, reelaborações de suas práticas. Trago

ainda nesse capítulo, os processos históricos e teóricos da visão celular, como o modelo de igreja em células desenvolveu-se, como ela é dotada de infinitas possibilidades de estar, ou seja, como a visão celular possui diversos modelos.

No segundo capítulo, apresento informações sobre o Ministério Internacional da Restauração em Santarém e o modelo dos 12. Abordo a adoção do Ministério Internacional da Restauração em Santarém do modelo dos 12, bem como também a conjuntura mística que rege a criação do M12 e o sistema de símbolo que atua no meio deste modelo de célula.

No terceiro capítulo, vemos com mais detalhes o que é uma célula e como funciona uma célula no modelo dos doze. Para tanto, apresento a estrutura de uma célula, os propósitos de uma célula, as fases distintas de uma célula, as responsabilidades de um líder de célula e exibo a história de vida de uma líder, a fim de que possamos ter um melhor conhecimento acerca da figura do líder.

Desta forma, queremos ressaltar a relevância deste estudo, ao tratar de um tema ainda não tão explorado, das Igrejas em células, que tem sido responsáveis por uma boa parcela do crescimento evangélico manifesto nos últimos anos. Ao final do trabalho, o leitor estará munido de um arsenal teórico acerca da complexidade e pluralidade do movimento celular, ampliando assim o conhecimento sobre esse campo religioso e os agentes que nele atuam. Portanto, é com enorme prazer que convido você, a aproveitar cada página deste trabalho.

Boa leitura!

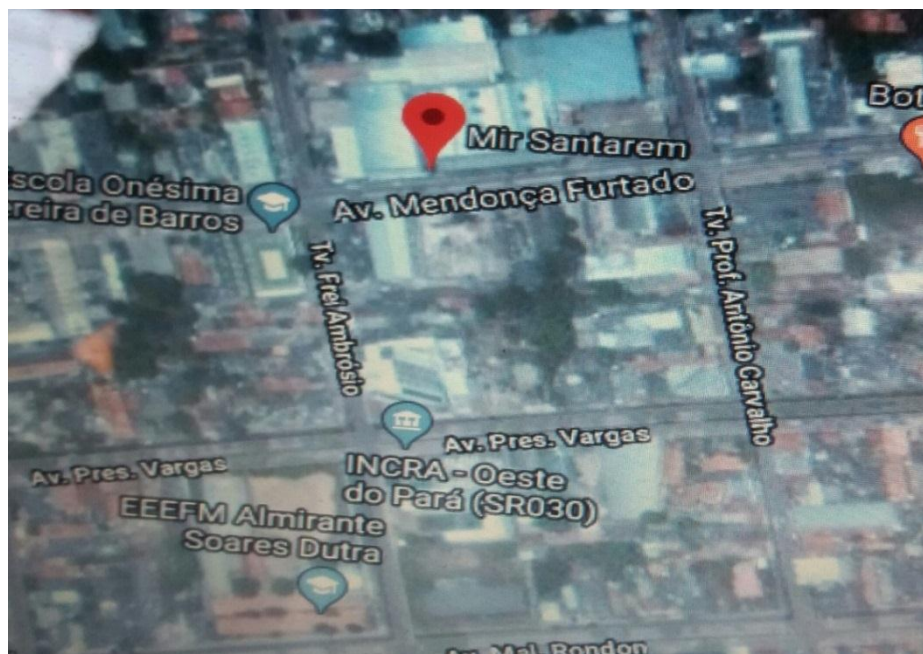
CAPÍTULO 1

O MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM- COMPONDO UM CONTEXTO

Para esse primeiro momento é produtivo situar o surgimento da Primeira Igreja Batista da Restauração em Santarém (PIBES) – mais conhecida como Ministério Internacional da Restauração (MIR) – em um contexto de transformações, reelaborações de suas práticas.

O MIR possui vinte e três anos de existência no município de Santarém e sua sede fica na Avenida Mendonça Furtado, bairro Aldeia, conforme ilustrado na imagem abaixo.

Imagem 2- Localização do Ministério Internacional da Restauração



Fonte: www.mir12stm.com.br

Imagem 3- Entrada do Ministério Internacional da Restauração



Fonte: Coelho (2017)

Imagem 4- Parte Interna do Ministério Internacional da Restauração



Fonte: Coelho (2017)

De acordo com arquivos internos dessa igreja, o Ministério Internacional da Restauração (MIR) é dissidente da Primeira Igreja Batista em Santarém (PIBES). O relato da história do MIR informa que:

Em março de 1994 [...] um grupo de irmãos saía debaixo da benção da Primeira Igreja Batista em Santarém para começar um novo trabalho, incluindo o Pastor (Pr.) Antônio Pereira Malta. No dia 23 de Março de 1994, não tendo ainda um lugar específico para as reuniões, realizaram em uma garagem cedida gentilmente pela irmã Tânia Joaquina Alves de Souza; o primeiro culto teve presente aproximadamente 50 pessoas. O número de pessoas crescia dia a dia, o que motivou a alugar um galpão localizado na Avenida Tapajós, e assim, nasce em 21 de Abril de 1994 a Igreja Batista Missionária. [...] no dia 29 de janeiro de 1995, o Pastor Antônio Pereira Malta, presidente da igreja, entrega seu cargo, como também seu pastorado. Diante disso, foi nomeado para liderar a igreja como Presidente o irmão Raimundo Ademir Sousa Almeida, e como vice-presidente Jessé Amaral Soares. Durante 8 meses Ademir e Jessé juntamente com suas famílias trabalhavam para continuar o trabalho iniciado pelo Pastor Antônio Pereira Malta, mas era presente as orações por um novo pastor, segundo o coração de Deus, chegasse. Neste período, houve um estreitamento no relacionamento com Pastor Renê de Araújo Terra Nova, o qual apoiava, dava conselhos e ajuda durante esse tempo. Em setembro de 1995 Pastor Renê Terra Nova indica como Pastores para a Igreja Batista Missionária o Pastor Wesley Gama e Vânia Gama. Em 16 de Setembro de 1995 o casal assume o pastoreamento da igreja. No dia 01 de Outubro de 1995 [...] foi oficializado que a igreja Batista Missionária deixaria de ser uma igreja independente e estaria oficialmente ligada a Primeira Igreja Batista da Restauração em Manaus, tornando-se uma igreja filha, a partir desta data, tornar-se-ia Primeira Igreja Batista da Restauração em Santarém. (BOLETIM MIR, 1995, p.3)

Como podemos ver o surgimento do MIR em Santarém se deu a partir de uma denominação protestante histórica¹⁵. Cumpre esclarecer, antes de avançarmos, que o protestantismo histórico recobre um dos grandes ramos do Cristianismo¹⁶ sendo originário da reforma no início do século XVI.

Nas igrejas históricas o “batismo no espírito santo”, glossolalia (falar em línguas desconhecidas quando em transe religioso), dons espirituais em geral não eram aceitos. Na sua concepção doutrinária não eram aceitos as manifestações desses dons espirituais, somente no tempo de Jesus eram possíveis tais manifestações.

Segundo os relatos de um de nossos interlocutores, “esse foi o início de uma nova história nessa igreja”. Em entrevista feita com Lúcia Vera Santos Almeida¹⁷, que acompanhou todo o processo de transformação, reelaboração das práticas do MIR na cidade de Santarém, disse:

¹⁵ Corrente do protestantismo que compreende as igrejas formadas a partir da reforma, como a Luterana, Presbiteriana, Episcopal Anglicana, Batista e Metodista. O Sociólogo Ricardo Mariano em seu livro Neopentecostais Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil salienta que em vez de histórico alguns autores utilizam o termo Tradicional (Brandão, 1980; Oro 1992) ou ainda Clássico.

¹⁶ No Brasil o Cristianismo dissidente não católico é conhecido como evangélicos.

¹⁷ A entrevistada acompanhou todo o processo de transformação que o MIR passou. Lúcia Vera já integrava a liderança da igreja desde quando a igreja se chamava Batista Missionária. Hoje a entrevistada é Bispa do MIR Santarém, a referida entrevista foi realizada em 10/11/2015.

Quando fazíamos parte da primeira Igreja Batista de Santarém era tudo diferente; não existia o fluir do Espírito Santo, não tinha tanta gente nos cultos como tem hoje. No ano de 1994 foi o ano em que começamos a viver Atos 1: 8 “[...] receberéis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo [...]” e Atos 2:4 “[...] Todos foram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas [...]”. O que se tinha naquele momento era um mover sobrenatural de Deus ocorrendo e isso estava ocasionando choques doutrinários. O que se teve foi que um grupo não mais acatando a doutrina da então Primeira Igreja Batista e apresentando uma diferença de doutrina, de usos e costumes resolveu sair para não ter atritos maiores. (Lúcia Vera em 10 de novembro de 2015).

O pano de fundo visto no histórico do MIR é regido por dissidências, que se diga por passagem, faz parte da história do protestantismo e de sua origem. Andrade (2010) atribui essas dissidências das denominações evangélicas a livre interpretação e exame da Bíblia, bem como também o poder carismático de um pastor e a autonomia que as igrejas possuem.

O certo é que esse panorama de mudanças é constante e até dominantes para a existência dos grupos evangélicos. Observamos que a existência dos grupos evangélicos tem se pautado em permanente reinvenção e rearticulação. Para Almeida e Monteiro (2001), o campo religioso passou por inúmeras transformações nas últimas décadas que levaram não só a fragmentação institucional, mas a intensa circulação de pessoas pelas novas alternativas religiosas. Este estudo elenca ainda que as “diferentes tradições religiosas estão em permanente processo de reinvenção e rearticulação” (Almeida e Monteiro, 2001, p. 92).

No contexto do presente estudo vemos a eficácia do enunciado de Almeida e Monteiro. Contemplamos que mudanças foram constantes e preeminentes para que esse grupo evangélico pudesse existir, para que hoje o MIR adote a visão celular no modelo 12 e conseqüentemente apareça como uma nova alternativa religiosa.

Nessa conjuntura do surgimento do MIR em Santarém o que temos em um primeiro momento é o MIR sendo dissidente da Primeira igreja Batista de Santarém, logo após saindo da cobertura da Primeira igreja Batista de Santarém passa a ser chamado de igreja Batista Missionária. Não somente uma mudança de nome, mas também doutrinária. Além das reuniões de oração, escola bíblica dominical e dos cultos, grupos familiares¹⁸ passavam a ser implantado com a ajuda de pastores da Paz church.

¹⁸ Segundo a entrevista realizada com a Bispa Lúcia Vera Santos Almeida o grupo familiar era uma reunião coletiva heterogênea, ou seja, uma espécie de célula. Só que no grupo familiar como o próprio nome denota, reuniam-se famílias. Nessa reunião o líder iria cuidar, por exemplo, do marido,

Em entrevista com Apóstolo Wesley, ele diz que “nesse processo de implantação dos grupos familiares eram os pastores Abe Huber e o Donald Schaffer que nos ensinavam”. Posteriormente, passam a adotar a Visão Celular no Modelo dos Doze (M12) e a cobertura do MIR de Manaus.

O que essas informações nos permitem analisar é o pentecostalismo¹⁹ constituído de reelaborações e diferenciações. São diversas mudanças presentes no decorrer da história; indo, por exemplo, segundo Mariano (1999) desde as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil: Congregação Cristã e Assembleia de Deus no Brasil. Ricardo Mariano²⁰ (1999) mostra-nos que embora as referidas igrejas fossem fundadas quase em um mesmo período, a primeira em 1910 e a segunda em 1911, as mesmas sempre apresentaram distinções e com passar do tempo isso foi se acentuando ainda mais; “geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distinta” (Mariano, 1999,23). O que Ricardo Mariano (1999) ainda nos fala é que:

“Na década de 1950, com a chegada dos missionários da Cruzada Nacional de Evangelização, vinculados à Igreja do Evangelho Quadrangular, teve início a fragmentação denominacional do pentecostalismo, diversificação institucional que repercutiu igualmente em suas ênfases doutrinárias e inovações proselitistas” (Mariano, 1999, 23).

Ou seja, tal fato não trouxe somente novas formas de pentecostalismos, mas também uma pluralidade de igrejas, como por exemplo, Casa de Benção, Deus é Amor, Brasil para Cristo.

Na metade da década de 1970 temos o surgimento de novas vertentes religiosas como: a Universal do Reino de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Internacional da Graça de Deus e a Renascer em Cristo. Mais que simples criações de igrejas, o que se tem aqui é designada de *neopentecosta*²¹, que de

da esposa, do solteiro; só as crianças que não eram cuidadas pelo líder. O líder destacava alguém para cuidar das crianças.

¹⁹ Tendência do Cristianismo que destaca, em termos gerais, o batismo com o Espírito Santo como prova evidente da conversão de um indivíduo, pela glossolalia (falar em línguas), pelo uso de profecias, visões, sonhos e crença na cura divina. O dom de falar em línguas desconhecidas se deu no dia de pentecostes relatado no segundo capítulo do livro de Atos, onde segundo os cristãos, quando eles se estavam reunidos para fazer orações o Espírito Santo distribuiu a habilidade dos mesmos louvarem a Deus em línguas que não conheciam, que, no entanto, os estrangeiros presentes puderam entender.

²⁰ Ver no seu livro Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.

²¹ Termo praticamente consagrado pelos pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais. Entre os pesquisadores temos: (Mendonça (1992; 1996), Mariano (1995) Pierucci & Prandi (1996), Campos (1996)).

acordo com Mariano (2005) traz como característica a prática do exorcismo, teologia da prosperidade, guerra espiritual contra o diabo, a presença de líderes carismáticos, uso do meio de comunicações em massa, o estímulo à expressividade emocional. No que concerne à evangelização o pano de fundo é o uso da criatividade “usam-se trios elétricos, técnicas publicitárias de marketing, filmes em vídeo, videogames” (MARIANO, 1999, p.228).

Na literatura acadêmica sociológica sobre religião, se compreende essas etapas como “três ondas do pentecostalismo” (Freston 1993 apud Mariano, 1999, p.28). Autores como, por exemplo, Silva (2007) e Mariano (1999) preferem chamá-los de: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. Essa seria a máxima para o Antropólogo Ronaldo de Almeida, para ele ainda “não teria surgido algo tão relevante no interior deste segmento. As mudanças no final dos anos 70 e 80 foram impactantes entre os pentecostais” (Almeida, 2006, p.2).

Entretanto, na década de 1990 surge no cenário nacional um movimento denominado células. Nessa conjuntura fica claro que a existência dos grupos evangélicos tem se pautado em metamorfoses contínuas, em permanente processo de reinvenção e rearticulação, que vemos com Almeida e Monteiro (2001) é válido no fenômeno evangélico. Dentro desse processo de mudança contínua, de reinvenção e rearticulação, e da liberdade criativa, o MIR decidiu que a melhor estratégia para alcançar o maior número de pessoas seria através das células.

A seguir trataremos como o modelo de igreja em células desenvolveu-se no seu processo histórico e teórico, como ela é dotada de infinitas possibilidades de estar e a adoção do Ministério Internacional da Restauração em Santarém do modelo dos 12.

1.1 A VISÃO CELULAR – PROCESSO HISTÓRICO E TEÓRICO

O ajuntamento de fiéis fora do templo não é observado desde hoje. Segundo Dias (2009, p.40) “essa estratégia de evangelismo não é nova no meio protestante. O culto doméstico é uma devoção tradicional do protestantismo”.

Esse autor enfatiza ainda, que na concepção protestante as células seriam uma retomada as práticas do cristianismo tradicional narradas por Lucas escritor do

livro de Atos²², onde o que se teria era que “todos os dias no templo, bem como de casa em casa, não deixavam de pregar e ensinar que Jesus Cristo é o Messias” (Atos: 5: 42).

Sobre a visão celular, Eliana Santos Andrade afirma que um dos objetivos é “promover uma explosão do crescimento da membresia de igrejas e uma forma mais sistemática eficiente de gerir resultados” (Andrade, 2010, p.8).

Em campo, constatei que o cerne desse movimento propõe cultos nas casas, ênfase no acompanhamento dos fiéis por outros fiéis, denominado discipulado, a fim de que os novos fiéis venham crescer espiritualmente.

Na configuração esboçada é visível que a visão celular não é recente. Segundo Dias (2009), como precursor de igreja em células o pastor David Paul Yonggi Cho, da Coreia do Sul, inicia seus trabalhos em 1958 em um bairro carente de Seul e isso permitiu que o mesmo conseguisse formar uma das maiores igrejas em células do mundo. Trabalhando com um sistema chamado G- 5, conseguiu uma multiplicação geométrica. Yonggi Cho conseguiu alcançar 23.000 células²³, de um todo de aproximadamente um milhão de membros.

Nesse modelo de trabalho o que se tinha era que cada célula trabalhava com cinco pessoas, essas por sua vez eram supervisionadas por um líder. Esse líder se agregaria de cinco em cinco células. Dessa agregação se alcançaria uma subcongregação que seria liderada por um pastor. Andrade (2010) relata que além da Coréia do Sul, houve também nos Estados Unidos.

Em linhas gerais, por se tratar de um modelo de êxito de multiplicação, outros estimaram adotá-lo. Dessa forma, aparece o movimento da “visão celular” no G-12. O G-12 é conhecido visão do governo dos doze. Trata-se de um movimento que tem como propósito o crescimento das igrejas evangélicas através de pequenos grupos conhecidos como células. As células atuam em reuniões nas casas dos fiéis e geralmente são compostas por doze pessoas. O número doze faz referência aos doze apóstolos, ou seja, ao modelo de discipulado de Jesus Cristo, que separou para si doze homens para instrução, capacitação e testemunho das Boas Novas (Dias, 2009, p.40-41).

²² Os Atos dos Apóstolos é o quinto livro do Novo Testamento. Mais conhecido como Atos, traz a história do início do Cristianismo.

²³ Esses dados são referentes até o ano de ano de 1995.

O pastor Colombiano César Castellanos Dominguez²⁴ na busca por adaptar o modelo coreano à realidade de seu país, sistematizou e difundiu o modelo de Yonggi Cho, agora, porém trazendo modificações. (Videira, 1999, p.6).

Castellanos em entrevista concedida à revista Videira afirmou que “desenvolveu a Visão Celular, tomando como modelo a igreja de Yonggi Cho, mas fazendo adaptações, pois percebeu que o crescimento ainda era muito lento” (Videira, 1999, p.6). Segundo ele essa adaptação foi pautada em uma “profecia divina, que lhe prometia uma igreja tão numerosa como as estrelas do céu” (Dias, 2009, p.40). Essa promessa mostrava-lhe que o modelo perfeito de célula não seria aquele de Yonggi Cho, mas sim, que Deus lhe havia dado: o G 12. Diante disso, Castellanos adotou o G 12. O cerne desse modelo de célula seria separar, para cada líder, doze pessoas que se reuniam em casas até que viesse ser dividido em outras células, sendo cada um com doze participantes (Videira, 1999, p.6-7).

Uma particularidade que se observa nesse universo é que cada modelo de célula traz, como pano de fundo, adaptações. Tais adaptações nos remetem ao que Berger²⁵ (1985, p.15), chama de “um empreendimento de construção de mundo”. Onde cada modelo de célula que é modificado, funciona como um construto humano, e nisso as organizações religiosas ou os seus membros passam a ser também criados por esses modelos de células.

Nesse sentido, segundo Andrade (2010) “a designação de *Visão celular* vem da forma como a mesma foi formada, por meio de uma “revelação divina” ou “visão”, no jargão evangélico” (ANDRADE, 2010, p.62).

Algo interessante a ser notado nessa fala do autor Andrade é que essa “revelação divina” ou a elaboração desse movimento traz como ênfase da figura do idealizador do G-12 como um homem que mantém uma relação pessoal com a divindade. O pastor Castellanos aparece como um ser que possui uma relação diferenciada com o divino e isto lhe atribuiu legalidade e poder sacerdotal.

O fato de Deus ter confiado a ele o privilégio do saber sagrado e suas práticas religiosas se basearem em experiências místicas, bem como da crença de que o modelo que criou propõe algo inovador e tudo isso aliado ao uso de seu

²⁴ César Castellanos Dominguez é um pastor Colombiano que fundou a Igreja Missão Carismático Internacional (MCI). Logo no início Castellanos passou a implantar o método de crescimento de igrejas em células, tendo como base o G-5, o modelo usado por Cho.

²⁵ Ver na obra “O dossel sagrado”.

carisma pessoal para superintender e estimular um grande número de pessoas, o coloca em outra posição. Ele não seria um pastor comum, mas tipificaria a figura de um profeta. Para Weber (2000, p.303), “por profeta”, entende-se o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino”.

Na proeminência das transformações e reelaborações de práticas religiosas das últimas décadas do século XX, a estratégia das células, segundo o modelo G-12 criado por Castellanos chegou ao Brasil no final da década de 1990, por meio dos pastores brasileiros Valnice Milhomens Coelho²⁶ e Renê Terra Nova²⁷.

Eles foram os principais responsáveis pela implantação e divulgação do G12 no Brasil. Em março de 2005 após rompimento, Renê Terra Nova se desliga do líder do G12, César Castellanos, e faz uma apropriação do G-12 e iniciou o M-12, ou seja, a Visão Celular no Modelo dos Doze.

O Ministério Internacional da Restauração (MIR) foi fundado na capital do Amazonas em 1992 e tem se destacado no cenário religioso regional. Inicialmente, este grupo adotou o nome de Primeira Igreja Batista da Restauração em Manaus (Pibrem). Seu fundador é o apóstolo Renê de Araújo Terra Nova que, anteriormente, foi pastor da Igreja Batista Memorial, situada na mesma cidade.

Vale salientar que o modelo continua sendo o mesmo, segue os mesmos princípios: *ganhar, consolidar, discipular e enviar*. No entanto, foram acrescentadas práticas judaizantes²⁸, dando ênfase a Jerusalém e na guarda da festa do Tabernáculo²⁹.

Tais práticas não somente torna o M12 diferenciado dos demais modelos, mas apresenta também uma nova proposta de sentido de mundo a partir da assimilação de elementos culturais e religiosos do judaísmo.

A partir dessas assimilações de elementos culturais do judaísmo, o MIR introduziu no interior de seu templo alguns símbolos judaicos, como *Menorah*

²⁶ Valnice era Pastora em São Paulo na Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC); essa denominação foi criada por Rene Terra Nova e por Valnice Milhomens Coelho.

²⁷ Nessa época ele era pastor da Igreja Memorial em Feira de Santana.

²⁸ São pessoas que, não sendo israelitas, nem tendo passado por uma conversão informal ao judaísmo, seguem partes da religião e tradições judaicas.

²⁹ Segundo a senhora Patrícia de Lima (que é membro dessa denominação) esse termo “festa dos tabernáculos” vem do hebraico *Sukkot* que significa tendas ou tabernáculos. Trata-se de uma festa comemorada em Israel entre os meses de setembro e outubro, e faz referência ao período que, na tradição bíblica, Israel peregrinou no deserto habitando tendas. É pertinente ressaltar, que nosso objetivo não é adentrar nesses preâmbulos da análise, mas se tornaria improdutivo a compreensão se não houver uma sucinta explanação acerca das referidas práticas.

(candelabro de sete pontas, símbolo do povo judeu), *Mezuzah* (Trata-se de um objeto judaico semelhante a uma caixa, que deveria ser colocado nos cantos das portas, com intuito de lembrar ao judeu seu dever religioso. Dentro desse objeto devem ser colocados dois fragmentos das passagens bíblicas contidas no livro de Deuteronômio, capítulos 6:4-11 e 11:13-21) e *Talit* (Xale de oração judaico, usado principalmente para comemorações nas sinagogas), conforme imagens abaixo:

Imagem 5- Menorah (Candelabro de sete pontas)



Fonte: Coelho (2017)

Imagem 6- Mezuzah (Arca da Aliança)



Fonte: Coelho (2017).

Imagem 7- Talit (Xale de oração judaico)



Fonte: Coelho (2017)

O MIR adotou também a festa judaica dos tabernáculos. Essa festa é celebrada todos os anos na igreja do MIR-Santarém no mês de outubro e vem fazer referência ao período que Israel peregrinou no deserto habitando em tendas. Atualmente é uma festa que faz parte do Patrimônio Sociocultural de Santarém. Em suma, ela é apresentada como uma reelaboração simbólica dos textos bíblicos na expectativa de criar um diferencial no M12 no contexto dos diversos modelos de células, apresentando assimilação de práticas e representações judaicas.

O viés adotado para justificar o uso de tais práticas se pauta no discurso de:

nós viemos de lá ... de Jerusalém. Nós não nascemos lá, mas nossa origem espiritual vem de lá. Se pararmos para pensar a nossa linhagem é toda de Jerusalém, por exemplo, José era judeu, Maria era Judia, Jesus era judeu, os apóstolos eram judeus, enfim, a igreja nasceu na Judéia. Então, estamos tomando posse das heranças bíblicas dos hebreus do antigo testamento. Por exemplo, o festejar a Festa dos Tabernáculos, implica em viver, o que está escrito no livro de Deuteronômio 16.13-17": Celebrarás a Festa dos Tabernáculos durante sete dias, quando houveres recolhido os produtos da eira e do lagar. Alegrar-te-ás na tua festa, tu, teu filho, tua filha, teu escravo, tua escrava, o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva, que habitam em sua cidade. Durante sete dias celebrarás a festa ao Senhor teu Deus, no lugar que o Senhor escolher. Pois o Senhor teu Deus há de abençoar-te em toda

a tua colheita e em toda a obra das tuas mãos, e a tua alegria será completa. Três vezes ao ano, todos os teus homens aparecerão perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher: na festa dos pães asmos, na festa das semanas e na festa dos tabernáculos. Ninguém aparecerá de mãos vazias perante o Senhor. Cada um dará segundo as suas posses, segundo a benção que o Senhor seu Deus lhe houver concedido” (Calebe Silva em 26 de outubro de 2017)³⁰

Em conversa com Francisca Maia Sales³¹, indaguei quais então seriam essas heranças? A senhora Francisca me responde:

[...] se você olhar para o palco avistará alguns elementos da liturgia hebraica que nós usamos. Olhe bem ali a sua direita... Você está vendo aquela espécie de caixa brilhosa? Pois é... Ela é a arca da aliança (ver imagem 7) e aquele outro é o berrante denominado shoffar, temos o trigo, o vinho (Francisca Maia Sales em 26 de outubro de 2017)

A senhora Francisca pontua ainda “que o que se vê aqui não é uma imitação de uma narrativa bíblica, mas sim à volta as origens bíblicas”. Por isso, o celebrar a festa dos Tabernáculos representa:

Primeiramente nossa gratidão pelo que Deus fez por nós; por Deus ter nos libertado de uma vida nas trevas, ou seja, de uma vida longe dele. Gratidão ainda, pelos frutos que colhemos, por tudo que nos foi concedido e celebramos também o retorno do Messias. O nosso messias, Jesus Cristo, ao qual somos gratos por nos ter libertado do mundo de pecado (Francisca Maia Sales em 26 de outubro de 2017).

Um aspecto interessante que me chama à atenção sobre essa aproximação da Visão celular no M12 ao judaísmo é essa releitura do Antigo Testamento. Nesta, falando grosso modo, o M12 apresenta essas assimilações judaicas como uma espécie de um novo produto no campo de modelos de células, tornando-a diferenciada dos modelos, por apresentar essa nova proposta de sentido de mundo a partir do judaísmo e suas práticas.

Além dos modelos de David Yonggi Cho, Cesar Castellanos e Renê Terra Nova, existem outros modelos parecidos. Andrade (2010) relata que no final do século XX, as igrejas em células tornaram-se frequentes em denominações tais como:

³⁰ Entrevista realizada com Calebe Silva em 26 de outubro de 2017. Ele é membro do MIR há 10 anos. Calebe atua no que eles nomeiam de Ministério de dança e teatro.

³¹ Francisca Maia Sales congrega no MIR há cinco anos, é líder de célula no bairro do Jutai; atua dentro da igreja na ornamentação. Essa entrevista foi realizada em 26 de outubro de 2017, era véspera da realização da festa dos tabernáculos e dona Francisca estava preparando a ornamentação do templo para a festa dos tabernáculos.

Batistas, Assembleia de Deus, Metodistas, Presbiterianos, Igreja do Evangelho Quadrangular, entre outros ministérios Independentes e países como: EUA, Turquia, China, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Coreia, Grécia, Canadá, Espanha, Argentina, Peru, Paraguai, México, Porto Rico, Venezuela, Panamá, Costa Rica” (Andrade, 2010, p.58).

Nesse contexto de modelos de igrejas em células, é importante observar que o estado do Pará e a cidade de Santarém tem uma significativa representação, Mendes & Rodrigues (2014) evidenciam que: “Paz church, criada em Santarém, em 1999, pelo pastor brasileiro Aber Huber³², é pioneira nesse modo de organização e crescimento numérico das igrejas.” Muniz (2012) salienta que o modelo adotado pela paz church, ou seja, a visão do MDA³³ (Modelo de Discipulado Apostólico) ou Modelo de Discipulado Um a Um, também teve sua base na história de Paul Yonggi Cho.

Percebemos nessa conjuntura do movimento celular um cenário pautado nas diversas formas de estar no mundo da Visão Celular através de suas relações, com outras formas de modelos de células. Bem como também um contexto repleto de diferenciações, reelaborações de suas práticas e ênfases diferenciadas na forma de sua doutrina.

Esses múltiplos formatos da Visão Celular no G-5, G-12, M-12, MDA, nos remete o que Almeida e Montero (2001) apresentam acerca do transito religioso no Brasil, onde segundo os autores as mudanças de orientação religiosa que se deram nesses anos não estariam limitadas apenas aos indivíduos que saem de uma vertente a outra, mas por meio das diferentes tradições religiosas que estão em permanente processo de reinvenção e rearticulação.

Quando nos debruçamos nos modelos de Paul David Yonggi Cho (G-5), Cesar Castellanos (G-12), Renê Terra Nova (M-12) e Abe Huber (MDA) observamos

³² Filho de pais norte-americanos, Melvin Abraão Huber, conhecido como Abe Huber, nasceu na cidade de Belo Horizonte/MG, seu pai, Melvin Eduardo Huber, fundador da igreja da Paz no Brasil. Melvin foi um missionário norte-americano que veio para o Brasil, no ano de 1956, e acabou se instalando na região Sudeste do país. Em 1976, o pastor Melvin e seus filhos Lucas e Abe foram pela primeira vez para a região Norte. Lucas juntamente com alguns missionários brasileiros e norte-americanos se instalaram em Santarém (Pará) e implantaram a Igreja do Nazareno, a posteriori passou a ser chamada Igreja da Paz (Muniz, 2012, p.11). Logo após, Abe Huber se graduou em Teologia e Missiologia pela Columbia Bible College, Carolina do Sul, e fez especialização em música pelo Berkeley College, Boston (EUA).

³³ MDA também significa, de maneira informal, Meu Discípulo Amado. Segundo Muniz (2012) dentro cosmovisão do MDA, um líder em treinamento seria discipulado pelo líder de célula. O líder de célula por sua vez seria discipulado por um discipulador de líderes e esse seria discipulado por um pastor ou obreiro.

que são nomenclaturas diferentes do modelo adotado por Yonggi Cho (G-5), mas todos com semelhanças: reuniões nas casas dos fiéis, visando o crescimento de suas denominações, trazendo como estrutura básica para seu funcionamento um líder, o auxiliar e o anfitrião; formada por quatro pilares: *ganhar, consolidar, discipular e enviar*.

Vimos que as formas de estar do movimento celular apresentam diversos modelos, e ao longo do tempo está longe de ser homogêneo, temos o modelo do G-5, modelo no G-12, modelo do MDA e modelo do M-12. No contexto desses modelos é latente a presença de um processo de reinvenção, rearticulação, metamorfoses, diferenciações e reelaborações.

E no contexto do modelo analisado não é diferente, a visão celular no modelo dos 12, na pessoa de seu idealizador, em um primeiro momento estudou e aprendeu o funcionamento do grupo familiar com a Paz church em Santarém. Mas esse modelo inicial não agradou totalmente o pastor Renê Terra Nova, foi quando ouviu falar de uma igreja Colombiana que adotava um modelo diferente do grupo familiar. A igreja Colombiana por sua vez se baseou no modelo pioneiro de Yonggi Cho, implementando algumas modificações, como por exemplo, que o grupo de liderança seria formado por 12 pessoas e não cinco.

Diante da insatisfação de Terra Nova, foi enviado à Colômbia um pastor, a fim de que viesse aprender e assimilar a forma de trabalho do G12. Foi então trazida da Colômbia para Manaus este modelo que atuava com uma separação entre homens e mulheres, além da divisão por faixa etária.

Percebemos que esse permanente processo de reinvenção e rearticulação que foi visto com Almeida e Montero (2001) é evidente aqui, ou seja, esse contato (do G-12 com G-5, do M12 com MDA, G12 e G5) permitiu que esse modelo passasse por um processo de modificação e conseqüentemente um influenciasse o outro. Isso acabou desenvolvendo um novo modelo. Modelo que funcionaria da seguinte maneira: células de homens, que possuem um culto próprio, denominado rede³⁴ de homens; células de mulheres, com a respectiva rede de mulheres; células de jovens e adolescentes, com a respectiva rede juvenil e células de crianças e sua

³⁴ As redes são os cultos específicos que ocorrem para homens, mulheres, casais, jovens, adolescentes e crianças. Os cultos são chamados de redes para remeter à ideia de uma pescariam, pois o objetivo é sempre o proselitismo.

rede de crianças. Aos domingos todas essas células e redes se reúnem em um grande culto, denominado Culto de Celebração.

CAPÍTULO 2

O MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO EM SANTARÉM E O MODELO DOS 12

Como mencionado anteriormente a Primeira Igreja Batista da Restauração em Santarém (PIBES) – mais conhecida como Ministério Internacional da Restauração (MIR) surgiu em Santarém em meio a um contexto de dissidências.

Em entrevista com a apóstola Vânia, a mesma explica que:

O MIR hoje a qual nós conhecemos antes não se chamava assim. Quando chegamos aqui em Santarém, eu e meu esposo (apóstolo Wesley Gama)... quer dizer Wesley chegou aqui em Santarém em Agosto de 1995, já eu e nossos filhos chegamos no mês de setembro de 1995. Nesse período o MIR ainda não tinha a cobertura espiritual do Apóstolo Renê Terra Nova e ainda se chamava igreja Batista Missionária, embora Renê já tivesse bem presente na nossa aqui. Foi somente em outubro de 1995 que foi decidido que a igreja deixaria de ser independente e passaria a ter a cobertura de Renê Terra Nova, ou seja, nós agora estaríamos agora ligados oficialmente à primeira igreja Batista da Restauração em Manaus e passaríamos a ser uma igreja filha do MIR em Manaus e passamos a ser a primeira igreja Batista da Restauração em Santarém... O MIR em Santarém. (Vânia Gama em 13 de agosto de 2015).

Nessa conjuntura de divergência a referida igreja não somente modificou o nome de igreja Batista Missionária para Ministério Internacional da Restauração, mas também adotou o modelo dos 12. Em entrevista com Jânio Amaral, um dos pastores que acompanharam todo esse processo do MIR em Santarém, disse:

Lembro-me que logo que o pastor Malta teve que ir embora, eu e o irmão Ademir assumimos por aqui. Foi um momento de desafios... trabalhávamos para continuar o trabalho do pastor Malta. Naquela época nós ainda não trabalhávamos com o M12. Nós trabalhávamos com os grupos familiares... era muito complicado um líder trabalhar com homens, mulheres e jovens... era cansativo e complicado para um líder cuidar de um público misto. Ficava complicado, por exemplo, um líder homem tratar alguns assuntos com uma mulher ou então um líder ou uma líder solteiro (a) abordar alguns assuntos com pessoas casadas. Por que nos grupos familiares não era como hoje. Hoje tem células só de homens, só de mulheres, jovens, crianças, casais e até células onde homens, mulheres, jovens estão juntos; só que, além disso, tem o discipulado que é homem acompanha homem e mulher acompanha mulher. Naquela época não existia esse discipulado homem com homem, mulher com mulher. O líder passava o estudo no grupo familiar e ao mesmo tempo orientava, aconselhava todos, era uma espécie de discipulado coletivo... não entendíamos direito esse trabalho, mas tivemos ajuda da igreja da paz. Eles nos ajudaram a implantar... sabe a trabalhar com grupos familiares. Nesse meio tempo conhecemos o pastor Renê Terra Nova, os nossos laços foram se estreitando... fomos conhecendo um pouco mais sobre a forma de trabalho que a igreja dele adotava e quando os nossos Apóstolos Wesley e Vânia chegaram nós nos

ligamos oficialmente a cobertura de Renê. Ele já nos ajudava bastante... era uma espécie de mentor para nós. Então em 1995 passávamos a ser o MIR em Santarém e trabalhar com o M12. Aí tudo mudou... A forma de trabalhar ficou mais estruturada sabe... a gestão do trabalho ficou com maior eficácia. E as metas foram atingidas bem mais rápidas (Jânio Amaral em 24 de setembro de 2015).

A partir da fala do entrevistado percebemos que com adoção do M12, aquelas reuniões mistas (tinham como público homens, mulheres, crianças e jovens), que agrupavam entre dez a quinze pessoas, aconteciam uma vez por semana na casa de alguém mais experiente da igreja (líder) ou de outra pessoa compromissada na igreja, passou por um processo de transformação. Não foram somente mudanças na sistematização das reuniões nos lares, mas adoção de termos empresariais na gestão e estrutura deste modelo de célula.

Recordo-me que em um culto de domingo o pastor lembra a necessidade de cada líder de célula entregar o relatório e utilizou termos como: “*esse é o nosso negócio*”, “*precisamos atingir nossa meta: ser 12 e ter 12*”, que ratifica adoção de termos e práticas empresariais no M12.

Essa proposição me remetia ao que Weber dizia em sua obra “a ética protestante e o espírito do capitalismo”. Nela o autor argumentou que o capitalismo com a colaboração do protestantismo de sua época criou um novo estilo de vida em afinidade com o modo de produção capitalista. Para Weber, o protestantismo de seu tempo, com sua ética peculiar, levou seus fiéis a se dedicarem de forma ascética ao trabalho secular criando uma mão-de-obra motivada para a produção de riquezas dando impulso ao sistema capitalista.

Segundo Weber, foi o empreendedor puritano que provocou a grande inovação social, fazendo da sua prosperidade, obtida através do trabalho regado, um sinal de que Deus o via com bons olhos. A partir de então, ganhar dinheiro e seguir uma religião se tornaram plenamente compatíveis, legitimando assim o capitalismo industrial moderno.

Esta mesma lógica apresenta similitudes no M12, este sentimento pode se comparar com a “constante busca de um sentido para a própria existência”. O M12 preconiza uma aceitação ideológica do mercado e da economia capitalista e liberal, com valorização da competência individual e corporativa face à crescente concorrência no que se refere ao movimento celular. Baseia-se na entrega de relatórios de cada líder de célula, em exigência de cumprimento de metas (ser 12 e ter 12), bem como enfatiza que esse é o negócio desse grupo.

Em nome do exercício da fé, ocorre uma mobilização ampla para: ganhar, consolidar, discipular e enviar; para fidelizar (consolidar) esse novo cristão, bem como se busca cumprir metas. Os líderes de células aparecem como uma espécie de empreendedores que lideram organizações economicamente ativas (células), cujos produtos são comercializados em determinados mercados.

2.1 O SURGIMENTO DO M12

Para uma melhor compreensão do surgimento desse modelo de célula, valho-me de um recuo no tempo sobre a gênese do M12. Quando discorremos no capítulo 1 desse trabalho acerca dos processos históricos e teóricos da visão celular, vimos que Castellanos “desenvolveu a visão celular”, com base no modelo a igreja de Yonggi Cho.

Castellanos toma como modelo o G-5 de Yonggi Cho, mas fez adaptações, pois percebeu que o modelo de célula de Yonggi Cho não proporcionava o crescimento por ele esperado. O crescimento ainda era muito lento. E em meio a isso, em um determinado momento, ele teria recebido por meio de uma visão uma *profecia divina, que lhe prometia uma igreja numerosa como as estrelas do céu.*

Não obstante a isso, Terra Nova por sua vez utiliza como modelo o G-5 e o G-12, mas também por meio de uma visão divina lhe é revelado que o M12 seria o modelo perfeito de célula, tratada aqui como a origem do M12. Nas falas de Wesley Gama, o M12 seria justamente o modelo de Jesus, seria o modelo ensinado por Jesus. Os doze seriam os continuadores da obra de Jesus aqui na terra.

Na criação do M12, vemos uma conjuntura mística pautando-a. Na crença do grupo estudado, o M12 seria o modelo ensinado por Jesus, para explicar e legitimar

o modelo dos doze. Dan³⁵ nos relata que no evangelho de João, Jesus fala “não fui eu que escolhi em número de 12?” (João 6: 70 a) e em outro trecho da bíblia:

“E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos. (...) E, convocando os seus doze discípulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demônios, para curarem enfermidades” (Lucas 6: 12,13; 9:1).

Segundo a fala de Dan, Jesus levava muito a sério sua missão. Ele sabia da grande responsabilidade que era escolher dentre todos aqueles que o seguiam, os doze que seriam os continuadores da sua obra aqui na terra. Para saber quem seriam os doze, Jesus subiu a montanha para que Deus lhe falasse quem seriam os doze.

Na concepção desse grupo os 12 não seriam qualquer pessoa, mas sim o modelo. Assim como o seu mestre eles manifestariam sinais, prodígios curariam até enfermos. Esses 12 seriam uma equipe, que trabalhariam com uma perspectiva de conquista.

Queremos enfatizar nesta análise da origem do M12 a analogia de *bricolage*³⁶ que vimos com Claude Lévi-Strauss (2008)³⁷. Nos relatos da origem do M12, vemos que sua produção advém de fragmentos e pedaços de narrativas de origem de outros modelos de células. O que temos é Terra Nova formando o M12 a partir de fragmentos do modelo de célula do G-5 e o G-12, bem como também a ideia de uma visão divina que lhe é revelado: o M12.

Na gênese do M12, o que temos é uma narrativa de caráter simbólico, que procura explicar a realidade da “cultura” desse modelo de célula, bem como seus principais acontecimentos. Por meio do relato da origem do M12, contemplamos a explicação do presente por uma ação passada, ou seja, esse modelo de célula adota o M12 porque esse foi o modelo que Jesus ensinou e que por meio de uma “revelação divina”, o próprio Deus mostra a Terra Nova que esse seria o modelo de célula que eles deveriam trabalhar.

Essa narrativa organiza as relações sociais do grupo de modo a legitimar e garantir a permanência de um sistema de proibições e permissões. Vemos essa função na prática, no que se refere à escada do sucesso ou êxito. Nessa escada

³⁵ Dan Duker é bispo no MIR há três anos. A entrevista foi realizada 10 de agosto de 2017.

³⁶ É a produção de um objeto a partir de pedaços e fragmentos de outros objetos.

³⁷ Me refiro-me aqui a sua obra O pensamento selvagem. Nessa obra de Lévi-Strauss, vemos que o mito e o rito são organizações da realidade a partir da experiência do sensível. Para ele, o mito seria uma bricolage, ou seja, reuniria os relatos, as experiências, as narrativas até compor um todo.

existem quatro degraus: ganhar, consolidar, discipular e enviar, esses degraus segundo a crença do grupo estudado eram praticados por Jesus.

No entendimento deles Jesus teria feito isso com seus discípulos e se eles (as pessoas que fazem parte desse grupo) são discípulos de Jesus, elas irão fazer o mesmo. O surgimento primeiramente cria essa ideia de aliança que existe entre a pessoa de Jesus e os membros dessa instituição religiosa que adotam esse modelo, bem como legitima esses pilares (ganhar, consolidar, discipular e enviar). Esses pilares atuam com a função de proibir a improdutividade dos membros desse grupo, sem a qual o sistema de células, baseado na cooptação de novos membros, não pode ser mantido.

2.2 POR QUE 12? POR QUE O MODELO DOS 12? E POR QUE EQUIPE?

Clifford Geertz (2008) em seu livro *A Interpretação das Culturas* que versa em um de seus capítulos sobre a “A Religião como Sistema Cultural”, nos apresenta um protótipo presente em toda religião. O que Geertz chama de protótipo é o sistema de símbolos. Segundo ele os símbolos funcionariam para resumir o *ethos* de um povo e visão de mundo mais vasto sobre o arranjo das coisas.

No argumento de Geertz, os símbolos religiosos instituem uma conformidade entre um estilo de vida particular (*ethos*) e uma metafísica específica (visão de mundo). E no que se trata ao M12, contemplamos também aquilo que Geertz identifica em toda religião:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas e penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens, através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral, vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p. 67).

Nas idas a campo, nas conversas informais e entrevistas era corriqueiro aparecer expressões como: modelo dos 12, os 12 e equipe; essas “sinfonias” parafraseando Roberto Da Matta ganhavam força e me despertava o interesse em entender o uso de tais termos.

Em uma de minhas idas a campo, em uma sexta-feira, tive a oportunidade de

encontrar o Apóstolo³⁸ dessa congregação, Wesley Gama. Nesse momento me apresentei a ele e comentei que estaria fazendo um trabalho sobre a visão celular no modelo dos 12. O Apóstolo pede que eu marque uma hora na recepção da igreja, pois estaria um pouco ocupado e não poderia dar-me atenção no momento.

Ao chegar à recepção, a moça que estava lá me disse que viesse na segunda-feira pelo período da tarde, pois seria o dia e o horário mais calmo para falar com ele. No dia marcado fui até a igreja Ministério Internacional da Restauração. Passado uns trinta minutos a moça disse que ele estava me esperando.

Dirigir-me à sala do Apóstolo e novamente me apresentei, bem como disse o motivo de minha presença ali. O apóstolo em meio um sorriso disse que estava à minha disposição para responder minhas perguntas. Mesmo em meio a todo um roteiro da entrevista, existia como mencionado anteriormente *“acordes” que soavam em minha cabeça, ou seja, o uso dos termos 12, modelo dos 12 e equipe.*

Como de supetão a pergunta que sai de imediato da minha boca a ele é: Porque o uso do termo 12, modelo dos 12 e equipe? Percebi que esses termos são bem recorrentes aqui.

O entrevistado dá um leve sorriso e me diz que o número 12 representa ou fala da totalidade perfeita. Segundo Wesley Gama quando se fala em Doze não nos referimos a um número qualquer, mas o número do equilíbrio, da harmonia, dos resultados, do governo perfeito, além é claro, de bíblico, por exemplo, Davi tinha 12 chefes das tribos de Israel (1 Crônicas 29:6). Após subir ao monte para orar, Jesus escolheu 12 discípulos (Lucas 6: 13), posteriormente esses discípulos tornaram-se 12 apóstolos (Mateus 10: 3 e Atos 6: 2).

Para você ter uma ideia doze³⁹ também fala de uma ação de administrar com Inteligência ou administrar de forma divina. Se fôssemos ver em hebraico, perceberíamos que cada número não é só uma identificação e, sim, uma ação divina. Prosseguindo em sua explanação ele fala

³⁸ Segundo Andrade (2010) o termo Apóstolo vem do Novo Testamento, dos relatos da escolha dos doze seguidores de Jesus, que após sua morte, foram denominados como apóstolos, ou seja, aqueles que vão após o mestre, que vão dar continuidade a sua obra.

³⁹ Em entrevista, Apóstolo Wesley fala do significado em hebraico do número 12. Segundo ele, o número 12 é composto do número 1 e do 2, sendo que o número 1 *Alefe* é *Yavéh*, quer dizer aquele que governa, administra, como um modelo correto e o número 2 *Beta*, quer dizer sabedoria. Então juntando os dois números teremos o número 12, que por sua vez significa administrar com sabedoria.

Quando você ouve falar o Modelo dos 12, você não ouve um termo, mas a chave para a multiplicação”. Note moça que o M12 nada mais é que o modelo de Jesus e como tal ele se torna uma visão sem fronteiras. Você pode me perguntar por que sem fronteiras? Justamente porque esse modelo não é de exclusão, mas de inclusão. Ao formar uma equipe de doze discípulos, estamos nos organizando para conquistar mais rapidamente. Sabe moça quando Jesus levantou os 12, foi para que uma missão específica se cumprisse, para que esses 12 pudessem ganhar outros também. A missão deles era ganhar o território onde eles estavam plantados. E como eles conseguiriam isso? Trabalhando em equipe. Percebe como no trabalho em equipe temos um conjunto de pessoas que, juntas, interagem inteiramente entre si e que todos trabalham de forma uniforme rumo a um mesmo objetivo (Wesley Gama em 15 de maio 2017).

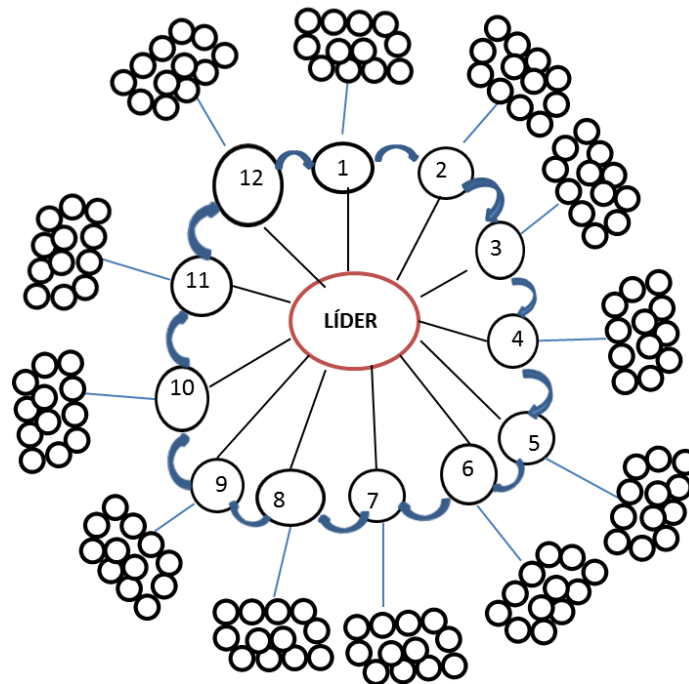
Nas falas mencionadas é perceptível que o sistema de símbolo que atua no meio deste modelo de célula, estabelece disposições e motivações e os conceitos são materializados pelos seus líderes que buscam sustentá-los e dar-lhes sentido.

No Ministério Internacional da Restauração, o símbolo atuante é o discurso do modelo dos doze, do modelo de Jesus. O M12 visa fazer com que o fiel associe os 12 a um propósito específico. Conforme os relatos de Wesley Gama “pelos 12 a visão se multiplica, pois, sua prática permite uma ação de administrar com inteligência ou administrar de forma divina” e isso faz com que haja apreensão e utilização dessa forma simbólica religiosa como fundamental para o bom andamento da sua própria vida. *O M12 teria sua origem divina, seria o modelo ensinado por Jesus.* (Wesley Gama em 15 de maio de 2017), sendo assim, ser discípulo⁴⁰ de Jesus implicaria em trabalhar para formar equipes de 12 e crescer grandiosamente.

Esse modelo de célula (M12) parece ter força e significado na vida do fiel como condição indiscutível. Portanto, nessa estrutura dos pequenos grupos do MIR (células) não basta somente seguir o slogan “*cada casa uma igreja, cada membro um líder*”, mas também é necessário “*ser 12 e ter os 12*”. A imagem abaixo (imagem 8), demonstra o esquema de ser 12 e ter 12. Nele cada líder deve possuir doze discípulos fixos; estes por sua vez, possuem os seus outros doze discípulos e assim sucessivamente.

⁴⁰ Segundo o dicionário de palavras bíblicas, a palavra discípulo vem do grego *mathetes*, que significa aprendiz. Já no hebraico, a palavra discípulo é *talmid*, que significa aluno. Então a palavra discípulo significa aquele que está sempre disposto a aprender e a seguir os ensinamentos de seu mestre. Na bíblia mostra que Jesus teria escolhido 12 discípulos, pessoas que iriam andar com ele para aprender. Os discípulos passaram três anos sendo ensinados e preparados por Jesus, após esse período eles deveriam ensinar a outros exatamente tudo aquilo que haviam aprendido.

Imagem 8- Ser 12 e ter 12.



Essa questão de seguir os passos de Jesus, ou seja, de ser 12 e ter seus 12, serve como uma espécie de cabo de aço que prende cada elo desta cadeia, uns aos outros, e ao núcleo dos líderes. Logo, qualquer violação desse princípio será atribuída como um ato de desobediência, visto que o modelo dos 12 na cosmovisão do grupo seria o modelo ensinado pelo próprio Jesus e o não cumprimento implica em negar-se em seguir os passos de Jesus.

Em linhas gerais o que se vislumbra é o ajustamento das ações humanas a uma ordem cósmica e projeção das imagens desta ordem cósmica no plano da experiência humana.

CAPÍTULO 3

DOCTRINAS, PRÁTICA E REPRESENTAÇÕES DO M12

O modelo dos doze adota como doutrina e prática as células. Faz-se prolífico nesse primeiro momento que se entenda o que é uma célula e como funciona uma célula no modelo dos doze.

Segundo Sousa (2016) e Dias (2009) a realização dos cultos nas casas de fiéis de igrejas cristãs não é algo recente. Essas práticas já eram evidenciadas no contexto neotestamentário⁴¹. Já para os fiéis⁴² do grupo analisado, “a célula seria uma espécie de comunidade⁴³ baseada em pequenos grupos, que se reúnem regularmente tanto nas casas, locais de trabalho, escolas e outros lugares apropriados, com o objetivo de promover evangelismo, pastoreamento, comunhão, oração e ensino da Palavra de Deus”.

A cosmovisão dessa comunidade de cristãos adota segundo um dos interlocutores “o *estar junto, compartilhar com os próximos, em casas*”. Nas células observei que cada participante tem a sua disposição um momento em que poderá

⁴¹ Termo religioso que faz referência aos livros da Bíblia do Novo Testamento. Esses cultos domésticos na concepção do cristianismo primitivo pauta-se no arcabouço do livro de Atos 5: 42, onde narra que os seguidores de Jesus se reuniam de casa em casa a fim de realizar pregações e ensinar acerca da pessoa de Jesus. Os ensinamentos apresentavam que esse Cristo seria o redentor prometido por Deus. Tem-se ainda na Epístola aos Romanos Paulo saudando a igreja adota reuniões em suas casas, conforme se ver em Romanos 16:5 “Saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles.”

⁴² Aqui quando utilizo o termo fiel, englobo algumas lideranças como: os Apóstolos Vânia Gama e Wesley Gama, Bispa Lúcia e Bispo Ademir; conversei ainda com cinco líderes de células, sendo três mulheres e dois homens.

⁴³ É pertinente salientar que comunidade tem vários conceitos. No uso “comum”, pautado no dicionário Houaiss (2007) temos a definição de comunidade como o: 1) estado ou qualidade das coisas materiais ou das noções abstratas comuns a diversos indivíduos, comunhão; 2) concordância, concerto, harmonia; 3) conjunto de habitantes de um mesmo Estado ou qualquer grupo social cujos elementos vivam em dada área, sob um governo comum e irmanados por um mesmo legado cultural e histórico. Na visão de Thompson (1987), a comunidade é constituída por algo variado, que preserva elementos da tradição e de relações mais antigas, da mesma maneira em que incorpora aspectos novos. Em Durkheim (1978) também se encontra uma formulação da ideia de comunidade. Vemos em seu conceito de solidariedade mecânica, “ressonâncias” da vida comunitária das pequenas aldeias. Temos ainda, a individualização ganhando o seu lugar, em decorrência da diferenciação dos indivíduos nas sociedades orientadas pela solidariedade orgânica. Destaco Max Weber (2005), que atribui “comunidade” a uma relação social na medida em que a orientação da ação social baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes. Segundo a Pastora Renata essa comunidade traria em sua composição cristãos e não cristãos, já que o objetivo da célula seria justamente atrair os não cristãos.

falar compartilhar alguma “bênção alcançada⁴⁴”, um acontecimento do cotidiano ou suas experiências.

Nessa perspectiva, minhas lembranças me conduzem até uma noite de quarta-feira, às 19 horas na casa da dona Selma, bairro da aldeia. Ali, naquele local, um grupo de pessoas se reunia. Lembro-me que logo na entrada da garagem (local onde as pessoas se reuniam) estava escrito em um banner “*Bem-Vindos à célula herdeiros da aliança*”, existia uma pessoa com um sorriso estampado no rosto recepcionando todos que chegavam àquela reunião. As pessoas conformem iam chegando, sentava-se em cadeiras organizadas de forma circular. Algo interessante nessa distribuição era que a mesma permitia que todos os presentes pudessem interagir entre si. Um podia olhar para outro, falar e ser ouvido.

Diante dessa percepção que tive, queria ouvir um pouco deles (interlocutores) o significado de célula (comunidade). Então, perguntei “se fosse possível vocês me dizerem em uma palavra o significado de célula, qual seria?”. As respostas que vieram foram: “célula lugar de aconchego, comunhão, felicidade, onde existe confiança nos outros”.

Corroborando com as falas citadas acima, o senhor Carlos⁴⁵ relatou-nos que:

Sabe... Quando eu cheguei aqui; cheguei totalmente destruído. Eu era alcoólatra, tinha perdido tudo: emprego, respeito dos meus filhos, família, até a vontade de viver... Mas em uma noite como essa tudo mudou. Eu vinha como dizem por aí xaropado.. Só me recordo que eu vinha cambaleando em uma rua e passei em frente a uma casa; ali as pessoas estavam cantando e batendo palmas, então resolvi entrar. Na minha cabeça era uma festa de aniversário, tinha muitos balões, sabe... Então pensei: deve ter comida aí... Eu estava verde de fome. Aí entrei e todos que estavam ali me receberam bem. Eu estava todo sujo, mas mesmo assim todos pegaram em minha mão e me cumprimentaram, alguns até me abraçaram. Ali naquele momento me senti protegido, seguro, amado; as pessoas dali me ajudaram, confiaram e contribuíram para minha libertação do álcool. (Carlos Mota em 24 de setembro de 2015)

Nessa linha de pensamento, a célula vai à contramão da ideia articulada por Zygmunt Bauman em seu livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, onde para ele as comunidades, à medida do tempo, acabaram caindo em desuso. Neste decurso, ele observa que as lealdades pessoais diminuem seu propósito com esgotamento contínuo dos laços, sejam eles nacionais regionais ou comunitários. A piedade não alia mais as pessoas. Ela não é mais o objeto da união das pessoas (Bauman, 2003. p. 48). Em sentido contrário deste pensamento, vemos

⁴⁴ Na cosmovisão do grupo estudado uma bênção alcançada seria um favor ou benefício adquirido.

⁴⁵ Um dos membros da célula herdeiros da aliança que pude conversar e entrevistar.

as células no modelo dos 12 ensinando e vivenciando o sentido da comunidade (célula) como um local que denota aconchego, proteção, comunhão às pessoas.

No entanto, com Durkheim vemos similitudes na formulação da ideia de comunidade com a cosmovisão dessa comunidade de cristãos. Na obra sobre a divisão do trabalho social, Durkheim buscou esclarecer que a existência de uma sociedade, bem como a própria coesão social, está baseada no grau de consenso produzido entre os indivíduos. Esse consenso produzido ele chamou de solidariedade. Para o autor, existiriam dois tipos de solidariedade: a mecânica e a orgânica.

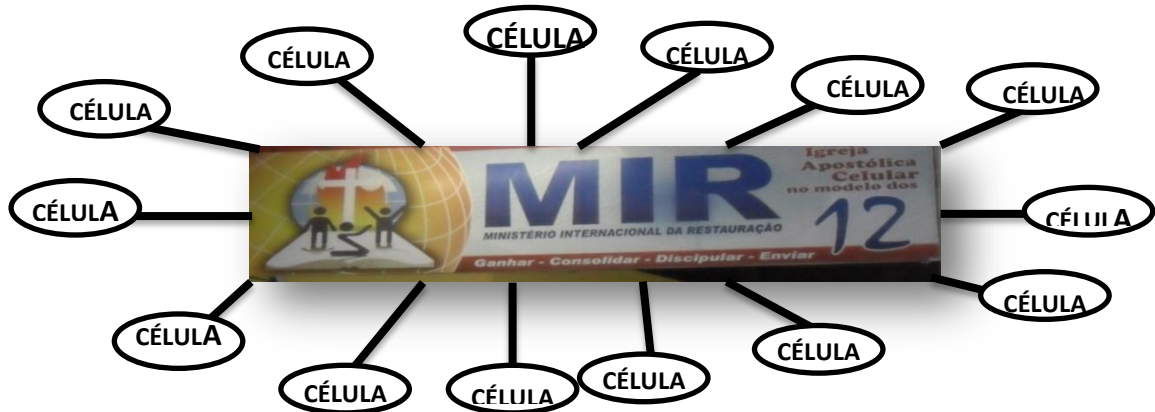
Com essa análise, mesmo que muitas vezes não seja explícito, em seu conceito de solidariedade mecânica, encontram-se “ressonâncias” da vida comunitária das pequenas aldeias. Para Durkheim a solidariedade mecânica é característica das sociedades ditas “primitivas”. Essa solidariedade proporcionava estilos de vida semelhantes às pessoas, motivo pelo qual essas se uniam em prol de um objetivo, para manter a igualdade, preservação e perpetuação do grupo.

A solidariedade é chamada mecânica quando constituída de um conjunto mais ou menos organizado de crenças e sentimentos comuns a todos os membros do grupo. Essa solidariedade pode ser traduzida em termos de um código moral que rege a vida em grupo. E isso nos remete ao que vimos anteriormente, quando um dos nossos interlocutores descrevem a célula como uma espécie de comunidade baseada em pequenos grupos, cujo o objetivo seria promover evangelismo, pastoreamento, comunhão, oração e ensino da Palavra de Deus, bem como traz como viés o compartilhar com os próximos, *em casas*.

Neste tipo de igreja⁴⁶, pode observar que esses pequenos grupos acabam sendo o centro da vida deles. Não se trata de uma opção, mas é a estrutura principal, na qual todos devem estar inseridos. É possível perceber na figura abaixo (figura 9), todos os fiéis devem estar fazendo parte de uma célula. Se, por exemplo, 2.000 pessoas compõe uma igreja, todos devem está distribuídos e inseridos em pequenos grupos fora do templo, seja nas casas, escritórios, escolas e etc. As células aparecem como uma espécie de extensão da igreja.

⁴⁶ Refiro-me as igrejas que adotam a visão celular.

Imagem 9- As células como uma extensão do Ministério Internacional da Restauração

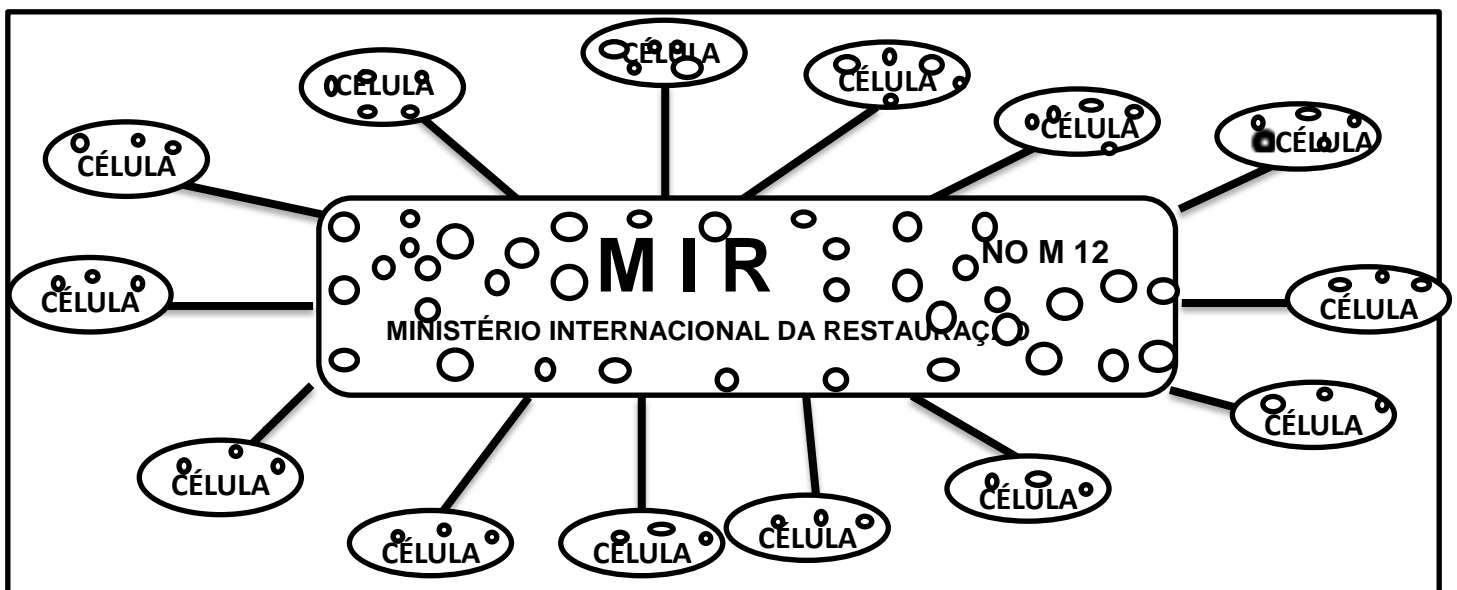


Distribuídas em torno de 3.000 células, as células do M12 na cidade de Santarém estão espalhadas pelos bairros da cidade. Segundo Davi Luís Saldanha⁴⁷:

Quem diria que hoje nós temos essa quantidade de células. Imagina só, quando começamos não tínhamos a menor ideia que chegaríamos a tudo isso de célula. Hoje o MIR está espalhado nos quatros cantos dos bairros de Santarém, por meio de nossas células (Davi Luís Saldanha em 05 de junho de 2016)

A imagem que segue (imagem 10) permite ainda vislumbrar a célula como uma pequena estrutura, definida, formada por um grupo limitado de pessoas (de cinco a quinze pessoas), cujo propósito é multiplicar-se. Na fala de Pierucci, trata-se da marca registrada das “religiões *universais* de salvação *individual*” (Pierucci, 2006:122). Ou seja, esse microcosmo proselitista (célula) ver em todos (seja praticantes ou não) “um possível discípulo”⁴⁸.

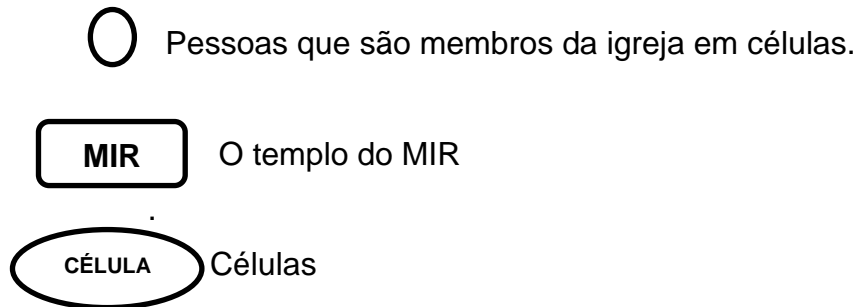
Imagem 10 - Célula estrutura definida, formada por um grupo limitado de pessoas.



⁴⁷ Davi Luís Saldanha é um fiel do MIR. Congrega nessa igreja uns dez anos. Essa entrevista foi realizada em 05/06/2016.

⁴⁸ Termo utilizado pelos interlocutores.

Legenda:



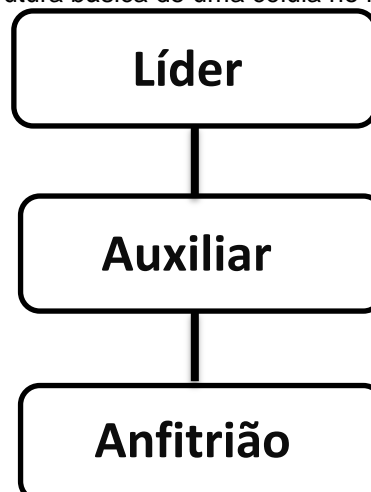
3.1 A ESTRUTURA DE UMA CÉLULA

Weber em suas análises sociais se munia de um aparato metodológico, em cujo aparato foi incluso instrumentos que permitem ao pesquisador investigar os fenômenos particulares sem se perder em meio à infinidade de aspectos concretos.

De acordo com Weber, para que se possa analisar uma dada situação social, torna-se necessário criar um *tipo ideal*, “que exprime um objeto categorialmente construído” (Weber, 1992). Os tipos ideais serviriam de apoio metodológico para se estudar uma variedade de casos e acontecimentos, pois a realidade social é infinita e seria impossível analisar essa totalidade. Nesse sentido, a noção de “*tipos ideais aparece como construções analíticas que darão ao cientista social a possibilidade e suporte analíticos mais lúcidos da complexidade estudada*” (Barbosa; Quintaneiro, 2002, p. 101).

No que se refere ao assunto analisado, vemos essa aplicação. Ou seja, o modelo de células como um empreendimento em tipo ideal, pois quando analisamos o modelo de células nos deparamos com uma imensa variedade de modelos de células. Uma célula, no que se refere a sua estrutura, precisa basicamente de um líder, um auxiliar e um anfitrião. Como podemos observar na imagem abaixo:

Imagem 11- Estrutura básica de uma célula no Modelo dos 12..



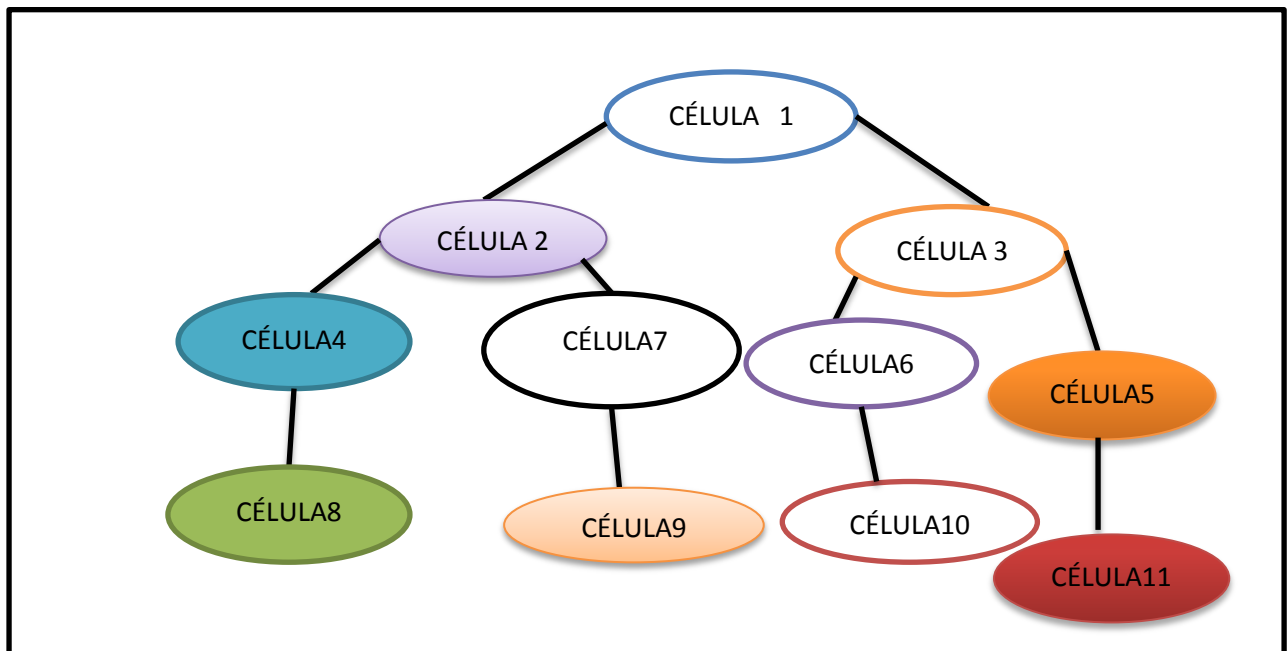
Cada um deles possui atribuições bem definidas. De acordo, com Conceição Sarmiento⁴⁹ “o líder é aquele que tem a reponsabilidade de organizar, gerenciar a célula e é quem representa o “pastor” e possui maior prestígio dentro da célula”.

Logo após a ele, se teria o auxiliar, que é um líder em treinamento. Assume responsabilidades como, por exemplo, o de ajudar na direção das reuniões e além de auxiliar o líder, será o responsável também pela próxima célula, caso esta se multiplique em outra célula e conseqüentemente vá para outra residência. O anfitrião por sua vez, é a pessoa que disponibiliza sua casa para as reuniões da célula.

3.2 OS PROPÓSITOS DE UMA CÉLULA

Em uma conversa com um dos meus interlocutores indaguei qual seria o ou os propósitos de uma célula e, sua resposta é que uma célula existe para multiplicar-se. Prosseguindo, ele enfatiza que quando fala em multiplicação, não se refere apenas ao crescimento interno da célula, ou seja, ao aumento do número de seus membros. Entretanto, é necessário que se multiplique em outras células. Conforme ilustração na imagem 12.

Imagem 12 - Imagem do propósito de uma célula



⁴⁹ Conceição Sarmiento Rego é uma líder de célula do bairro da Nova República. Ela congrega nessa denominação há cinco anos. Essa entrevista foi realizada em 3 de março de 2016.

Acrescenta ainda “Isso quer dizer que o líder bem sucedido não é aquele que consegue ter uma enorme célula, mas aquele que a multiplica em várias outras, no menor espaço de tempo possível” (Conceição Sarmento Rego em 3 de março de 2016). A imagem acima ilustra muito bem a fala desse interlocutor.

A imagem 12, ilustra a célula 1 dando origem direta a outras células (célula 2 e 3). A célula 2 por sua vez, multiplica e dá origem as células 4 e 7. A célula 4 multiplica e surge a célula 8. Da multiplicação da 7, vem a 9. Já da célula 3 temos a 5 e a 6. A célula 5 gera a célula 11 e a 6 a 10. Mas se analisarmos a imagem, todas, porém, estão interligadas a célula 1. Todas as outras células estariam sobre a cobertura geral do líder 1.

Foi possível notar ainda, nessas visitas que essas multiplicações ocorreram em bairros diferentes. A líder da célula 1 (Selma) conheceu um casal e convidou-os para irem a célula dela. Essa célula funcionava no bairro santarenzinho. De acordo, com a entrevistada Selma:

O casal (Rodolfo e Arita) foi nessa célula umas três quartas-feiras. Só que eles um dia me comunicam que não poderiam ir mais frequentar a célula, pois era muito distante. Eles nessa época moravam na Cohab e a célula era no Santarenzinho. Então, em virtude dessa situação resolvemos abrir uma célula na casa do casal e a célula do bairro do Santarenzinho ficou sendo liderada pela minha auxiliar (Lúcia) e eu vim juntamente com Giovane. Giovane era um rapaz bem dedicado na obra, então pensei em levá-lo comigo para que ele fosse treinado e posteriormente pudesse assumir essa nova célula (no bairro da Cohab). Começamos a célula na Cohab, os anfitriões (Rodolfo e Arita) começaram a se envolver mais, convidavam os vizinhos, amigos e familiares para irem a célula. O trabalho foi se desenvolvendo e logo em um mês e meio a célula da Cohab estava multiplicando em duas células; uma ficou no bairro do Santíssimo e outra em Santana. Posteriormente, as multiplicações foram ocorrendo e fomos expandindo pelos bairros. Para você ter uma ideia estabelecemos duas células no bairro do Uruará (Rua Nossa Senhora da Conceição e na Rua São Pedro), uma no São José Operário, (na rua Marajó), no Urumari foram duas (rua cocal e rua Santa Isabel), no Jutai (na rua Maringá), no Livramento (rua Marajó e na rua Nações Unidas). (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017)

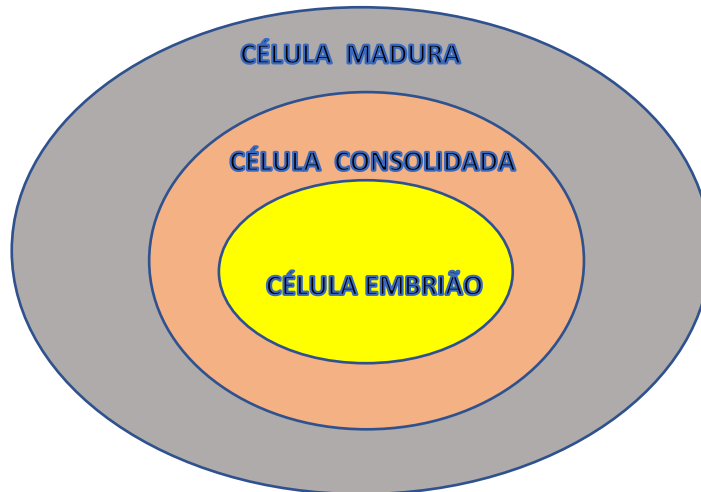
Aqui fica visível que as células são uma espécie de organização que cultivam o relacionamento entre as pessoas. E nessa ênfase há um forte apelo para que se convidem parentes, vizinhos, amigos e colegas, com o objetivo de torná-los membros de suas células e conseqüentemente da igreja.

Podemos ver por meio da imagem 12 que com o modelo dos 12 é possível um controle gerencial de todo esse crescimento, incorporando de certa forma um processo de racionalização organizacional, mas sem se descuidar dos processos de socialização religiosa. Nessa imagem vemos onze células em bairros diferentes,

todavia a direção, a cobertura está destinada a célula 1, todas as células estão ligadas a ela. E uma vez por mês a líder reuni todas as onze células para que eles possam estar juntos.

3.3 AS FASES DISTINTAS E UMA CÉLULA

Imagem 13 – As fases distintas e uma célula



A figura acima me remete a algo interessante que presenciei nas idas a campo e que ouvi de uma interlocutora:

O fato de se ter três pessoas (um líder, um auxiliar e um anfitrião) aqui começando essa célula não significa que ela vingou. Ela tem que ser confirmada, consolidada. Há uma possibilidade, por exemplo, de que seus componentes não trabalhem bem e ela fique estagnada ou mesmo se desintegre. Por isso podemos nos deparar com três fases distintas de uma célula: embrião, consolidada e madura. (Conceição Sarmento Rego em 3 de março de 2016).

Essas fases podem ser evidenciadas, nos relatos de multiplicação da célula ⁵⁰. A célula 2 estava iniciando. A líder dessa célula nos coloca que

Essa célula (célula 2) é uma célula embrião. Uma célula-embrião, como o próprio nome sugere, é uma célula em formação. Aqui como você pode ver temos como componentes: eu (a líder), o auxiliar (Giovani), o anfitrião (Rodolfo), a esposa dele e os dois filhos do casal. Seus membros ainda não estão firmes. Seu Rodolfo e a esposa dele estão indo a igreja, mas ainda não tomaram uma decisão em Cristo ⁵¹, os filhos deles nem vão à igreja. Mas eles queriam ter uma célula na casa deles. Então, resolvemos vir para cá. Aqui é praticamente um grupo de evangelismo, já que só eu e o Giovani já tomamos uma decisão em Cristo e estamos consolidados ⁵². (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017)

⁵⁰ Ver na imagem 12 “Os propósitos de uma célula”.

⁵¹ Segundo o grupo estudado tomar uma decisão em Cristo implica na conversão da mesma ao senhorio de Cristo.

⁵² O uso do termo consolidados se refere a pessoa que já passou por uma espécie de rito de passagem, ou seja, através do batismo deixa de ser um mero visitante ou frequentador da igreja e passa a ser membro. Assumem o que eles denominam de responsabilidade com reino de Deus e com a família espiritual. A família espiritual seriam os outros membros da igreja. Na cosmovisão todos ali seriam filhos de Deus, por serem filhos de um único pai (Deus), logo eles seriam irmãos.

Após dois meses, quando retornei até a célula 2, vejo algumas modificações. O local continua o mesmo, mas o número de pessoas que faziam parte daquela reunião tinha aumentado. Agora, além da dona Selma (a líder), o auxiliar (Giovani), o anfitrião (Rodolfo), a esposa dele e os dois filhos do casal, se tem mais duas pessoas. Ademais, percebi que seu Rodolfo, sua esposa e filhos estão participando de forma mais ativa na célula.

Na noite que retornei a célula 2, Rodolfo estava dando o estudo da célula⁵³. Segundo a líder “seu Rodolfo, sua esposa e filhos tomaram uma decisão em Cristo Jesus, já foram até batizados”. Selma reitera:

Veja bem, logo no início quando você veio aqui, o que se tinha era uma célula embrião. Seu Rodolfo, sua esposa e filhos ainda não estavam firmes em Cristo, sabe. Mas agora eles estão firmes; foram até batizados. Então, o que você vê aqui é o que chamamos de uma célula consolidada. Agora além do líder e do auxiliar, temos seu Rodolfo, esposa e filhos firmes, comprometidos. Para você ter uma ideia o casal (Rodolfo e sua esposa) está sendo preparados para serem líderes e assumirem essa célula aqui. Eles estão fazendo escola de líderes⁵⁴. Essa célula agora está estável e trabalha pela meta da multiplicação. Com essa estabilidade a célula torna-se uma célula madura, nesse momento a célula está em ponto de multiplicação, com novos líderes em formação e gente suficiente para enviar (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Giovani (o auxiliar) de Selma salienta que “para se alcançar a meta da multiplicação, houve todo um investimento de oração e evangelismo para que hoje Rodolfo e sua família se convertessem e já estejam trabalhando como líderes de célula também”. Ou seja, “quando Rodolfo e sua esposa passaram a corresponder com sua vida e disposição, passando por todo o treinamento necessário e mostrando-se frutífero, eles foram enviados para começar sua própria célula” (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

3.4 O LÍDER DE CÉLULA E SUAS RESPONSABILIDADES

Entre as inúmeras palavras que ouvia recorrentemente em campo, tinha a palavra “líder de célula”. Seja nos cultos, nas reuniões de célula, conversas informais e até nas entrevistas, lá estava à palavra “líder de célula”.

⁵³ Termo utilizado pelos membros desse grupo para se referir à palavra que é ministrada na célula, sendo que quem ministra a palavra é uma espécie de pastor.

⁵⁴ Escola de líderes é uma espécie de capacitação que visa formar líderes para atuarem nas células. Possui duração de seis a nove meses, apresenta em seu conteúdo programático conhecimento básico dos princípios da vida cristã, bem como os aspectos práticos para o exercício da liderança.

Nas abordagens anteriores desse trabalho, já até vimos quem seria o líder de célula e diante disso se tornaria repetitivo retomar tal ponto. Todavia, alguns pontos ainda me instigavam em relação ao líder de célula. Interessava-me compreender as exigências para alguém chegar a esta função, bem como saber as reponsabilidades que são cobradas de uma pessoa quando ela se torna líder.

E segundo a fala de Selma, para se tornar um líder de célula:

A pessoa precisa ser aprovada em seu trabalho e testemunho por aquele que a lidera na célula de origem. Precisa mostrar-se disposta, ensinável e submissa, trabalhando na célula, ganhando e consolidando vidas e cooperando naquilo que lhe for requisitado. Ela precisa ainda cursar a Escola de líderes e ser aprovada ali.

Uma vez enviada como líder de célula, esta pessoa terá que corresponder a uma série de responsabilidades e para isto ela será orientada e coberta pelo líder que a enviou e por um discipulador (alguém que já faça parte de uma Equipe de 12) caso aquele que a enviou não tenha ainda alcançado esta condição. Ao ser enviado o novo líder deve ter o objetivo de tornar-se um dos doze e, para tanto, deve comprovar sua fidelidade e frutificação à frente da célula (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Após esse esclarecimento, interpele as reponsabilidades que são cobradas de uma pessoa quando se torna líder, ou seja, o que se exige de um líder?

De um líder espera-se que:

[...] de fato exista dedicação, que a pessoa mantenha uma rotina de trabalho, vá à reunião semanal com seu discipulador, a frequência nos cultos da igreja e entregue os relatórios de presença e atividades da célula, de maneira organizada e precisa. Para isso, ele pode nomear pessoas na célula que o auxiliem. Estabeleça seus alvos de multiplicação junto à célula, comunique aos seus liderados e faça o acompanhamento do desenvolvimento da sua meta. É fundamental que o líder comande, incentive e coordene os membros da célula na sua tarefa principal que é ganhar vidas (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Contempla-se, pelo que está dito, um forte discurso a favor da normalização, uma ênfase na execução de tarefas, na disciplina e na regularidade, a obediência a esquemas hierárquicos. A motivação dessas atividades está relacionada com a busca de resultados palpáveis e quantificáveis. É exigido o pleno envolvimento dos membros na atividade da célula com a finalidade da multiplicação.

O que acontece é que tudo parece girar em torno da célula, para o interior da igreja e da própria célula, a fim de que ela possa se multiplicar. E a figura do líder de célula aparece como alguém que assume o comando de um empreendimento e, o sucesso desse empreendimento fosse medido pela multiplicação do número de suas células.

Na sistematização do M12, os membros não aparecem como meros espectadores. Prova disso é que a figura do líder (leigo) aparece de forma ativa, ou seja, como principal motor de crescimento.

A ênfase da atuação do leigo para promover o crescimento institucional aparece como uma proposta contrária a que Bourdieu apresenta em sua obra a economia das trocas simbólicas⁵⁵, onde os especialistas dos sagrados (sacerdote, mago e profeta) concorrem entre si pelo monopólio de distribuição dos bens sagrados, e o leigo atua em um papel secundário de consumidor dos bens religiosos produzidos pelos especialistas. (BOURDIEU, 2007, p.50,51).

O que vemos, de certa forma, nesse modelo de célula é uma descentralização e um aumento do cooperativismo entre o corpo de especialistas (pastores, bispos e apóstolos) religiosos e os leigos, e isso acaba favorecendo assim o crescimento da igreja. Nessa estratégia os leigos ficam responsáveis pela conquista de novos membros, proporcionando assim uma expansão da igreja.

Aqui o leigo é estimulado a se tornar um líder. Os leigos que alcançam, por exemplo, um determinado número de células, discípulos matriculados na escola de líderes, que formam sua equipe de doze, enfim, tornam-se líderes empenhados com o crescimento institucional podem alcançar a entrada no corpo de especialistas do sagrado, sendo então consagrado a pastor, bispo e por fim apóstolo.

3.5 AFINAL, QUEM É O (A) LÍDER NO M12? QUAL A SUA HISTÓRIA DE VIDA?

Em cada bairro da cidade de Santarém, é possível ouvir nas quartas-feiras, por volta das 19 horas, em algumas casas, varandas, garagem ou salas músicas gospel, trata-se de uma reunião denominado célula. Essas reuniões possuem características peculiares, independente do modelo da célula (MDA ou M12). Trazendo como particularidade, por exemplo, a organização das cadeiras no local da célula. As cadeiras são organizadas de forma circular, as pessoas ao chegarem cumprimentam-se, existe sempre⁵⁶ na entrada do local onde ocorre a reunião de célula um banner, faixa ou cartaz identificando o nome da célula. Já no que se refere ao líder de célula, vemos diversificações nas suas histórias de vida.

⁵⁵ Ver no capítulo gênese e estrutura do campo religioso.

⁵⁶ Utilizo o termo sempre, porque nas células que visitei em campo, bem como as que vi na rua onde moro, em ruas de outros bairros é unanime tais peculiaridades.

Neste espaço veremos a descrição da trajetória de vida a respeito de uma líder de célula, que é dona Selma. Acredito que sua trajetória de vida, memórias e representações transpareçam por meio de seus depoimentos e nos proporcione um melhor conhecimento acerca da figura do líder.

Do relato dessa líder, veremos como essa mulher chegou a esse universo religioso, como foi sua trajetória até se tornar uma líder no modelo dos 12.

3.5.1 DONA SELMA

Conheci dona Selma durante a pesquisa realizada em novembro de 2016, quando depois de uma tentativa frustrada de entrevistar Zeneida Rocha⁵⁷. Após não conseguir entrevistar Zeneida, um dos meus interlocutores me disse que talvez pudesse me ajudar. Ele falou que existia uma pessoa que possuía um grande conhecimento em células (era uma das melhores líderes), e quem sabe pudesse me ajudar no trabalho.

Acompanhada do Senhor Lúcio Dutra, fui à casa de dona Selma, para conhecê-la e marcar um horário para conversarmos. Sua casa fica no bairro do Santarenzinho. Dona Selma é uma senhora que aparenta ter uns 35 a 40 anos de idade, magra, cabelos ondulados e grisalhos abaixo dos ombros, altura mediana, mora sozinha e não possui filhos.

Essa mulher é uma líder que possui onze células. Em seu relato ela conta que aprendeu com sua mãe espiritual a trabalhar na obra, desde quando eu nasci de novo⁵⁸ minha mãe espiritual⁵⁹ me levava para trabalhar com ela. Lembro-me que ela me levava para evangelizar, visitar doentes, novos convertidos, ajudava ela nas células dela. Aonde ela ia eu ia também.

Segundo seus relatos “eram tempos bons aqueles”. Prossegue falando que foi graças a ela que hoje eu estou aqui. *Meu início de caminhada cristã foi muito*

⁵⁷ Zeneida Rocha foi uma líder que conheci quando entrevistei a Apostola do MIR. Quando terminei a entrevista com a Apóstola, me apresentei a ela e falei da minha pesquisa. Perguntei se ela teria um tempo para conversarmos sobre a visão celular no modelo dos 12, sua trajetória como líder, ela me deu um número de celular e pediu que eu ligasse outra hora para que marcássemos a entrevista. Cheguei à marca umas duas vezes a entrevista, mas a mesma desmarcou. Sua alegação foi um imprevisto que teria aparecido.

⁵⁸ No Jargão evangélico nascer de novo é aceitar o sacrifício de Jesus e aceitá-lo como seu senhor e salvador, ou seja, tornar-se evangélico.

⁵⁹ Na cosmovisão desse grupo evangélico que trabalha no M12, quando um indivíduo nasce de novo, ele vai ser cuidado por alguém, pois ele é um bebê espiritual. Dessa forma, ele precisa de alguém que cuide dele. Quando a pessoa que nasce de novo e é um homem, ele receberá um pai espiritual que no caso é o discipulador, todavia, quando for uma mulher, a mesma receberá uma Mãe espiritual.

diffícil. Eu até cria em Deus, Jesus e tudo mais, mas eu não tinha compromisso com ele. Eu frequentava a igreja católica, na verdade, ia uma vez ou outra.

Em sua fala pondera ainda, que vivia presa em um mundo de vícios (bebia, fumava); era terrível. Meu primeiro contato com Jesus foi através de uma moça aqui da igreja. Eu tinha naquela época dezenove anos e conheci essa moça da igreja. Ela me convidava para ir aos cultos da igreja, a célula também. Era legal, eu me sentia bem ali (igreja, na célula), só que nesse período eu conheci uma pessoa. Envolvi-me com ela e acabei me afastando da igreja.

Foi um período bem complicado não somente pra mim, mas para minha família também. Acabei me envolvendo em um relacionamento homoafetivo. Meus pais acabaram descobrindo e foi bem complicado. Eles não aceitavam o fato de eu estar me relacionando com uma pessoa do mesmo sexo. A pressão foi grande e acabei saindo de casa para morar com a moça com quem estava me relacionando.

Ao perguntar-lhe qual foi à reação de seus pais, ela responde que:

[...] foi bem complicado. Meus pais acabaram descobrindo. Eles não aceitavam o fato de eu esta me relacionando com uma pessoa do mesmo sexo. A pressão foi grande e acabei saindo de casa para morar com a pessoa com quem estava me relacionando. Meu pai não falava comigo, já a minha mãe falava comigo, mas longe de meu pai. Meu pai proibiu minha mãe de falar comigo, proibiu também os meus irmãos de me verem. Bom, aí tive que me virar... arrumei um emprego para me manter e continuar a estudar. Foi muito doloroso não ter contato com minha família. Logo no início, quando ainda não tinha conseguido um trabalho, minha mãe levava comida escondido pra mim. Era complicada essa situação para meus pais. Ter uma filha lésbica (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Quando pergunto por que você acha que essa situação foi tão complicada para eles, ela responde:

[...] eu acho que se tornou complicado porque eles eram bem atuantes na igreja. Meus pais eram dirigentes na igreja católica e talvez o fato deles terem uma filha que estava se relacionando com uma pessoa do mesmo sexo seria vergonhoso. Meus pais sempre se preocuparam com essa questão da imagem da família; quando meu pai descobriu uma das frases que ele me falou foi “o que os vizinhos, amigos e familiares vão falar de nossa família?”. Lembro-me que quando eu sair de casa, ele falava para os vizinhos e conhecidos que eu teria ido viajar para estudar fora. Foi bem doloroso esse período [...]. Imagina só, seu pai ter vergonha de você! (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Segundo ela logo no inicio, embora fosse doloroso ter o desprezo da família...

Eu de certa forma fui levando. Tinha do meu lado alguém que não me abandonou. Só que esse relacionamento acabou e fui me envolvendo em outros. Nesse interim eu já tinha conquistado muitas coisas, tinha casa própria, um veículo, mas só não tinha ainda o respeito de minha família. E de certa forma eu contribuía para isso. Teve uma vez que minha família estava reunida no natal, como era de costume. Nesse ano (não me recordo que ano foi) cheguei à ceia de natal com a moça com quem eu vivia na época. Detalhe não fui convidada, como eu sabia que todo ano a família se reunia, resolvi ir até lá. Meu pai ao me ver lá e pior me ver acompanhada quase enfartou de raiva. Nessa noite tivemos uma discussão muito feia. Fui embora dali destruída. Eu teoricamente tinha tudo (casa, emprego, um transporte), mas faltava algo. Esse fato me marcou bastante! Passado uns dois anos esse relacionamento acabou, fiquei novamente só. Eu sentia um grande vazio, era a questão de minha família, do final de relacionamento. (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Indago, qual foi o momento que ela vota à igreja. Ela me responde de supetão que não teria voltado à igreja, mas sim a Cristo! Então prossegue:

foi em um evento que aconteceu na orla, não me recordo muito bem. Só sei eu estava na orla sozinha, era a data do meu aniversário e eu estava ali sem ninguém para me desejar feliz aniversário, sem minha família e amigos. Naquela noite eu nasci de novo. Eu estava sentada em um banco e estava ouvindo de longe as palavras da pessoa que ministrava a palavra. Parece que tudo que foi falado era para mim. Eu não aguentei, desabei no choro e quando perguntaram se alguém queria entregar sua vida a Jesus, eu levantei a mão. Eu soluçava enquanto uma moça da igreja (que é a minha discipuladora) me abraçava.

Depois disso, ela me acompanhou direto. Foi realizada a consolidação, que é a etapa da visão celular que firma o novo convertido no reino de Deus. Lembro-me como se fosse hoje, após eu ter feito aquela oração e ter convidado Jesus para entrar em minha vida, eles me ligaram. Não me lembro de ao certo quem me ligou, só sei que naquele dia eu me senti a pessoa mais importante da terra. Alguém tinha tirado do seu tempo para saber como eu estava e isso era novo pra mim. As pessoas não se importavam comigo.

As palavras que eu ouvir naquele telefonema⁶⁰ me marcou. Nunca pensei que alguém se importava comigo e que existiam pessoas que me amavam, que se preocupavam comigo. Eles me ligaram em um dia e no outro foram lá em casa me visitar. Nessa visita me perguntaram se eu queria conhecer mais de Deus e foi aí que fui sendo consolidada. No início fui conhecendo alguns princípios da palavra (bíblia). Esse era o que chamamos de acompanhamento inicial.

Posteriormente, fui encaminhada para o discipulado em si. Passei a ser acompanhada semanalmente (discipulado). Nesses encontros semanais era realizada instrução da palavra de Deus, conselhos, palavras e orações específicas. Depois fui ter um encontro com Deus (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Pergunto a ela o que seria então esse encontro com Deus?

⁶⁰ Esse telefonema que essa denominação faz chama-se fonovisita. A fonovisita segundo o grupo estudado tem que ser simples, clara, objetiva e direcionada. O consolidador liga para o novo convertido, bem como também já agenda uma visita o mais rápido possível. O consolidador vai realizar a visita e a mesma tem que durar no máximo 30 minutos. O consolidador reafirma o privilégio do novo convertido e que todos da igreja são seus irmãos em Cristo. Enaltece ainda, que o novo convertido pode contar com sua nova família. Encerrar esse tempo orando e convidando a pessoa a fazer parte de uma célula.

O encontro com Deus é um momento sublime na vida de uma pessoa. É uma espécie de retiro, onde passamos três dias em um local afastado da cidade. Nesse local ficamos desconectados com o mundo aqui fora e ficamos em sintonia com Deus. É um tempo onde refletimos e meditamos na palavra de Deus que ocorrem através de ministrações. São três dias onde ficamos longe das preocupações do dia a dia e mais perto de Deus. Trata-se de uma experiência de profundo amor e graça de Deus (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Pedi que detalhasse mais e ela me disse:

Eu só posso lhe falar isso, existe uma coisa que nós dizemos que é um pacto do silêncio e não podemos entrar em detalhes. Isso acontece porque acreditamos que cada pessoa precisa descobrir na prática o que é o encontro e isso só acontece se a pessoa for lá. O que posso lhe afirmar é que o encontro é tremendo.

Após o encontro fiz o pós-encontro, aqui recebemos mais ensinamentos da palavra de Deus e depois fui fazer a Escola de Líderes. Na escola passei por treinamento acerca da palavra de Deus, adquirir mais conhecimento sobre a visão celular no modelo dos 12, aprendi como cuidar de pessoas, como liderar uma célula e ser uma líder de êxito (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Mas o que é ser uma líder de êxito, indago a ela.

Veja bem, todo negócio precisa de resultados. Nós também precisamos de resultados, o nosso negócio é o reino de Deus. Tratamos dos negócios de nosso pai (Deus), então precisamos como líder gerar bons resultados. Mas muito mais que isso, que atingirmos nossas metas, precisamos trabalhar com amor e ensinar nossos liderados e discípulos a trabalhar da mesma forma.

Fui ganhando vidas, consolidando e discipulando e hoje sou uma líder de êxito. Já até envio pessoas para cuidar de outras células e supervisiono outras células.

Quem diria aquela pessoa desistida, sem esperança e marcada pela rejeição se tornou uma líder de êxito. Hoje tenho onze células sob minha cobertura e supervisão, bem como minha família me respeita e fala comigo. (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

De posse da descrição da trajetória de vida a respeito da líder de célula Selma, inicio refletindo no recorte de sua fala que narra sobre como foi complicado quando os seus pais descobriram que ela estava em um relacionamento homoafetivo. Essa situação abre margem para uma reflexão sobre a categoria de desviante que foi abordada por Howard S. Becker⁶¹.

Howard Becker (2008) em seu livro "*Outsiders: estudos de sociologia de desvio*" vêm abordando de uma forma geral sobre o desvio. Segundo o autor os grupos sociais criam regras que são impostas ao indivíduo e elas acabam orientando o comportamento, mostram situações certas e erradas. E dessa forma, a pessoa

⁶¹ Ver o livro *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*.

que comete um ato não considerado correto infringe a regra e passa a ser vista como alguém que desvia as regras do grupo, sendo assim chamada de outsider.

O que Becker (2008) nos coloca em linhas gerais é que o desviante se caracteriza pela infração a uma regra ou a um conjunto de regras sociais. Estas por sua vez podem ser instituídas de diversas maneiras, como por exemplo, na forma de uma lei, de uma concordância social ou na construção de uma categoria patológica. Logo, quando os pais de Selma descobrem o seu relacionamento homoafetivo, ela passa a ser vista como alguém que transgrediu uma regra e isso segundo Becker caracteriza o desvio.

Selma foi de encontro à padronização que foi instituída socialmente, ou seja, aos padrões e normas vinculadas à heterossexualidade, enfim, ao modelo de casal (homem-mulher) que é normalizado e legitimado socialmente. Dessa forma, de acordo com que o autor coloca “o desvio não é uma qualidade do ato, mas uma consequência da reação dos outros” (Becker, p.27). Então na situação analisada, o desvio não é uma qualidade do ato que a Selma cometeu, mas sim uma consequência da reação dos outros. Em um dos relatos da nossa interlocutora, vemos isso de forma bem clara:

A pressão foi grande e acabei saindo de casa para morar com a pessoa com quem estava me relacionando. Meu pai não falava comigo, já a minha mãe falava comigo, mas longe de meu pai. Meu pai proibiu minha mãe de falar comigo, proibiu também os meus irmãos de me verem. (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

Aqui podemos evidenciar que a descoberta e a reação de hostilidade e rejeição do pai de Selma ao descobrir seu relacionamento homoafetivo, ocasionou um cenário de punição e rotulação. Selma agora era rotulada como divergente, pois desobedeceu a uma regra social e outras pessoas ficaram sabendo. Note que se não tivessem descoberto sua homoafetividade, não teria ocorrido rotulação e punição. Mas, a descoberta e a reação que seu pai teve gerou como punição: a exclusão familiar, teve que sair de casa, seu pai não falava mais com ela e proibiu que sua mãe e irmãos tivessem contato com ela.

Um processo semelhante dessa abordagem, também se encontra na obra de Erving Goffman ⁶². O autor explica em seu livro a relação do estigma com o desvio, sendo que segundo ele, isso vai ser determinado no contexto em que os indivíduos estão inseridos.

⁶² Ver o seu livro Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.

Goffman (1988) apresenta o indivíduo estigmatizado como aquele que assume características diferentes das que a sociedade avalia como positivas. O estigma é esboçado como um atributo depreciativo, sendo uma forma de estigmatização social, uma espécie de marca que inferioriza o indivíduo diante do grupo a que pertence. O que Goffman traz à baila é que os desviantes sociais serão indivíduos estigmatizados. Fortalecendo a ideia de Becker que diz “o desvio não é uma qualidade do ato, mas uma consequência da reação dos outros” (Becker, p.27), temos Goffman falando que quando o estigma é conhecido ou reconhecido, as pessoas acabam se afastando do estigmatizado, e isso o condiciona a ser percebido como alguém sem nenhuma qualidade e essa pessoa passa a ser desacreditada.

Goffman (1996) apresenta em outra obra⁶³, uma reflexão sobre carreira moral e ele a definiu como uma sucessão de mudanças que geram resultados na identidade e no funcionamento da imagem da pessoa para julgar a si e aos outros. O conceito é útil para compreendermos de como a trajetória de vida de nossa interlocutora realiza uma espécie de reordenação moral. A construção de vergonha está ligada à trajetória no universo homoafetivo da interlocutora e à percepção que ela tinha de si como alguém desacreditada. A construção pessoal que ela fez de si como uma pessoa desacreditada se estabelece a partir da condenação moral que sua família e a sociedade fizeram ao seu estilo de vida passado (a homoafetividade).

Seguindo a perspectiva de Goffman no que se refere a carreira moral⁶⁴ temos a carreira moral de Selma iniciando com a descoberta de sua família sobre a “transgressão”. Posteriormente a isso, ela é privada de suas relações e direito com o mundo externo.

Nessa conjuntura a expropriação ocorre quando o pai de Selma após a descoberta da “transgressão” fala a vizinhança que Selma teria viajado para estudar fora, bem como quando ele impede de falar com suas irmãs e mãe. Dessa forma, os aspectos morais dessa carreira a conduziram ao sentimento de abandono, tristeza, amargura. E isso por sua vez a “perturbou”, perturbação essa que a conduziu a uma interpretação desintegradora de si. Selma se via como uma pessoa desacreditada, sem importância para ninguém, traída de certa forma pela família, uma vez que eles viraram as costas para ela.

⁶³ Manicômios, prisões e conventos.

⁶⁴ Na obra Manicômios, prisões e conventos, Goffman analisa as etapas da carreira moral do doente mental em : o período anterior à admissão, a fase de pré-paciente , o período de internamento no hospital psiquiátrico , a fase de internado.

E no que concerne a sua reorganização da autoimagem, isso ocorre quando Selma entrega sua vida a Jesus. Nesse processo vemos a nossa interlocutora aprendendo a orientar-se no “sistema da visão celular no M12”, ou seja, ao acompanhamento inicial, discipulado, batismo⁶⁵, ao encontro com Deus, se torna líder de célula para que houvesse uma espécie de “sistema de socialização” da instituição. Aqui as normas lhe são inculcada. Com o tempo, conforme lemos em seu relato, a sua reorganização moral foi desenvolvida. Selma passa de alguém não respeitável, desacreditada para uma líder de êxito. Uma mulher que segundo o jargão evangélico cuida de outras pessoas, que possui células espalhadas nos bairros de Santarém, supervisiona células, tem o respeito da família e da sociedade.

Selma falou da vergonha que sua família tinha dela. Essa vergonha afetava também sua vida. Segundo Selma não foi fácil ouvir do seu pai que ele tinha vergonha dela, não poder está junto deles. Embora ela tivesse nesse interim conseguido certa estabilidade na vida, lhe faltava algo. Selma possuía quase tudo, mas faltava o respeito da família e da sociedade. Nisso vemos, o que Goffman refleti sobre a “pessoa estigmatizada incorporar o ponto de vista dos normais” e “aprende que possui um estigma particular, bem como as consequências em possui-lo” (Goffman, p.41)

Algo interessante na construção da vergonha é que ela vem atuar como um controlador social. A vergonha que o pai de Selma sentia dela expressa nesse contexto como uma introdução de normas e costumes. Sendo assim, o que causa vergonha é o desrespeito da autoridade de uma regra que regula as ações em uma dada situação social.

O que podemos observar é a vergonha atuando em dois contextos de controle: um voltado a "restaurar" a ordem institucional entre esses dois indivíduos (Selma e sua namorada) que se encontram como atuantes da "depravação moral" e precisam ser contidas, controladas no meio social e outro voltado a controlar as demais pessoas que se encontra fazendo parte desse enredo, ou seja, por meio dessa vergonha pretende-se inibir também que outras situações como essas venham acontecer . Pretende-se de fim ao cabo conter, controlar no meio social

⁶⁵ No horizonte cristão o batismo é compreendido como um novo nascimento.

situação como essa; situação que se configura como desvios, anormalidades do convívio social.

Podemos abrir um parêntese e também evidenciar nessas falas uma construção social da realidade. Ou seja, uma reflexão sobre o texto de Peter L. Berger & Thomas⁶⁶ “A Sociedade como Realidade Objetiva”. É interessante que aqui vislumbramos de forma clara a questão da institucionalização. Institucionalização essa que aparece como um valor impregnado com o objetivo de controlar. Em voga o que se tem como institucionalizado é algo que se tornou hábito em determinada sociedade. Trata-se de uma ordem social e cultural na qual está feita antes delas (Selma e sua companheira) chegarem nesse “universo”.

O caso analisado é útil para pensarmos de como a trajetória desses líderes nessa instituição religiosa realiza uma espécie de reordenação moral. Assim, no que se refere a nossa interlocutora (Selma), vimos que o seu percurso nesse universo religioso, exerceu uma espécie de impacto sobre sua reconstrução enquanto pessoa – através da sua conversão. Conversão que segundo ela se deu por um vazio que a consumia. Em uma de suas narrativas, ela relata que

[...] Eu teoricamente tinha tudo (casa, emprego, um transporte), mas faltava algo. Esse fato me marcou bastante! Passado uns dois anos esse relacionamento acabou, fiquei novamente só. Eu sentia um grande vazio, era a questão de minha família, do final de relacionamento. (Selma Marinho em 7 de novembro de 2017).

O depoimento de Selma, expressa a vida de uma mulher que possuía certa estabilidade no que se refere a bens materiais, mas socialmente ela vivenciava um cenário de punição e rotulação. Selma depara-se com uma ordem social e cultural que a coloca no papel de “transgressora”, tendo em vista sua trajetória na homoafetividade.

O sistema moral que se desenhava em torno da sua trajetória de vida (homoafetividade) a colocava como alguém desistida socialmente e sem respeito no seu meio familiar. Mas em seus relatos é possível notar que quando Selma se converte existe uma espécie de reordenação moral que passa a ser desenhado em sua trajetória. O que se observa é um vazio e rejeição social se transformando em respeito. A jovem “transgressora” de outrora vive hoje uma reordenação moral em

⁶⁶ Refiro-me ao livro A construção social da realidade : tratado de sociologia do conhecimento.

torno da sua atuação como uma líder de célula. Líder que tem conquistando não somente espaços nos bairros de Santarém por meio das suas onze células que são supervisionadas por ela, bem como tem conquistado respeito social e familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu analisar a estratégia de expansão das igrejas evangélicas em células, a partir da visão celular no modelo dos 12 na igreja Ministério Internacional da Restauração, em Santarém-Pará. Todavia, mais do que mero crescimento, procuramos refletir sobre a assimilação de termos empresariais na estrutura desse modelo de célula, entender o funcionamento de uma célula nesse modelo, verificar o que seria ou quem seriam esses 12, bem como por que 12.

Com este trabalho, foi possível refletir á luz de Berger (1985) a visão celular como “um empreendimento de construção de mundo”, onde essa organização religiosa ou os seus membros passam a ser também criados por esse modelo de célula. E nesse processo de construção de mundo, eles adotam uma espécie de lema, que eles nomeiam como a escada do sucesso (ganhar, consolidar, discipular e enviar). Essa construção rege a vida desse grupo de tal forma que de certa forma a espinha dorsal da igreja passa ser a célula no modelo dos doze.

O sentido da vida dessas pessoas passa ser essa reunião; o alvo de todo membro dessa igreja é multiplicar por meio das células e formar sua equipe de doze discípulos, e tudo isso nos permitiu pensar a importância da religião como fornecedora de sentido da realidade.

Durante o transcorrer da pesquisa pode-se perceber que o movimento celular apresenta diversos modelos, e ao longo do tempo está longe da homogeneidade. Nessa conjuntura, vimos o modelo do G-5, modelo no G-12, modelo do MDA e modelo do M-12. Utilizando como referência a ideia do artigo “o trânsito religioso brasileiro” de Almeida e Monteiro (2001), foi possível analisar as células no M12 como um das diversas formas de estar no mundo da visão celular, e com isso evidenciar a presença de um permanente processo de reinvenção e rearticulação do movimento celular.

Vimos com a visão celular no M12, na pessoa de seu idealizador, em um primeiro momento estudou e aprendeu o funcionamento do grupo familiar com a Paz church em Santarém. Mas esse modelo inicial não contemplou totalmente as expectativas do pastor Renê Terra Nova, foi quando ouviu falar de uma igreja Colombiana que adotava um modelo diferente do grupo familiar. A igreja Colombiana por sua vez se baseou no modelo pioneiro de Yonggi Cho,

implementando algumas modificações, como por exemplo, que o grupo de liderança seria formado por 12 pessoas e não cinco, atuação com uma separação entre homens e mulheres, além da divisão por faixa etária, bem como também práticas judaizantes.

A pesquisa pode verificar que essas práticas não somente torna o M12 diferenciado dos demais modelos, mas apresenta também uma nova proposta de sentido de mundo a partir da assimilação de elementos culturais e religiosos do judaísmo (Menorah, Talit e Mezuzah). Em suma, o que se tem é uma reelaboração simbólica dos textos bíblicos na expectativa de criar um diferencial no M12 no contexto dos diversos modelos de células, apresentando assimilação de práticas e representações judaicas.

É importante salientar que essa proposta de crescimento, organização e gestão da estrutura eclesial presentes na visão celular, reunindo assimilações de alguns termos empresariais, possibilitou a partir das células no M12, um modelo mais eficiente de expansão e gestão dos resultados para estes evangélicos.

No mais, isso abre margem para pensarmos no que afirma Pierucci (2012, p.91), o desligamento republicano no universo religioso tem impulsionado disputa entre os distintos produtores e vendedores religiosos. A desmonopolização gerou níveis mais exigentes de pluralismo religioso, de racionalização da oferta dos bens de salvação que acabam sendo criados ou copiados entre eles. Esses empreendedores religiosos apresentam-se numa disputa por mais eficácia e sucesso na atração de novos consumidores, bem como na fidelização dos que foram atraídos.

De posse de termos, como: “esse é o nosso negócio, nossa meta.”, o modelo dos 12 compreendeu, conforme demonstra esta pesquisa, que no concorrido universo da religião evangélica é preciso estabelecer estratégias para conquistar, consolidar, treinar e enviar. Assim a visão celular no modelo dos 12 utiliza métodos para que seus membros apoderem a mensagem que garante que a melhor forma de ser cristão é aceitar o desafio da competição e caminhar nos quatro degraus da escada do sucesso ou êxito. O M12 produziu um esquema de controle e sistematizou as estratégias de crescimento e nesse arranjo contemplamos a captação de novos fiéis (ganhar), à fidelização (consolidar), o treinar (discipular) e a contribuição desse fiel para sair e captar outros fiéis (enviar).

O interessante nessa dinâmica é que o leigo (membro) atua nesse modelo de célula como um importante motor de crescimento e isso demonstra de certa forma uma mudança no cenário religioso. Nesse estabelecimento de funcionamento, o leigo torna-se de certa distribuidor e ao mesmo tempo consumidor dos bens e serviços religiosos ofertados nas igrejas celulares, seja no templo, ou nas casas. Essa ideia de deslocamento do trabalho religioso do especialista para o leigo pode, em parte, ratificar esse cenário de metamorfoses, diferenciações e reelaborações dos grupos evangélicos.

A frase “esse é o nosso negócio” e o uso de metas nos remete a teoria de Bourdieu (1998), teoria essa que apresenta a criação desse modelo como mais um produto a ser oferecido no mercado dos bens simbólicos. Promovendo junto ao surgimento do M12 uma espécie de marketing de sua criação, em meio a vários outros modelos e propostas de crescimento, como já vimos, Terra Nova atribui ao M12 um valor inestimável, ou seja, ele seria a única alternativa eficaz de crescimento e gestão eclesial dos novos tempos. O M12 é esboçado aqui como uma alternativa para as igrejas evangélicas, como o modelo de crescimento de sucesso garantido.

Foi possível perceber que a ressignificação dos cultos domésticos, através das células no M12, sistematizou o trabalho discipulado deste grupo, criando uma nova e oportuna estratégia de inserção e aumento da influência evangélica na cidade de Santarém a partir das casas.

Além disso, por meio da história de vida de um de nossos interlocutores, emergiram apontamentos para pensarmos de como a trajetória desses líderes nessa instituição religiosa realiza uma espécie de reordenação moral, ou seja, de como a conversão dá suporte a vida das pessoas.

Diante destas considerações e dos debates que apresentamos ao longo do trabalho, apontamos a visão celular no M12 como um modelo que soube reunir e se utilizar estrategicamente das adaptações e reelaborações do protestantismo, no tocante ao uso de técnicas, discursos e práticas, em busca da expansão. Em linhas gerais, a partir desse estudo foi possível pensar em categorias sociais pautadas pela antropologia buscando assim interpretar as relações entre a esfera religiosa e a social.

Pretende-se que esse trabalho seja uma contribuição para o estudo e conhecimento do campo religioso, no tocante à atuação dos grupos evangélicos aqui

enfocados, fazendo conhecido este movimento da visão celular no Modelo dos 12 e suas propostas de expansão, metamorfoses, diferenciações e reelaborações. Assim, essa discussão não se esgota com tais reflexões, sendo necessário mais estudo para aprofundar o conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliana Santos. **A Visão Celular no Governo DOS 12, Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008**. Dissertação. UFBA. Salvador 2010.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. p. 92-100.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade objetiva. In **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BECKER, Howard. S. **Outsiders: estudos de sociologia de desvio**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIBLIA ONLINE. Almeida Corrigida e Revisada em: <https://www.bibliaonline.com.br>

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. 2ª. ed. São Paulo: UNESP/Paralelo 15, 2000.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4ª ed. 2011.

DA MATTA, Roberto. **O Ofício do etnólogo, e como ter Anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional. Nº 27. 1978.

Durkheim, Émile. **As regras do método sociológico**. In: Durkheim, Émile. Durkheim – Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978 a.

_____. **Da divisão do trabalho social**. In: Durkheim, Émile. Durkheim – Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978b.

_____. Representações individuais e representações coletivas. In ***Sociologia e filosofia***. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GALDINO, KÉSIA. Histórico mir. **Informir**, Santarém, 17 outubro 2014, p.10.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. 5ª.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GOLDMAN, Marcio. **“O Fim da Antropologia”**. Novos Estudos CEBRAP, 89: 195-211, 2011.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Cen /Edusp, 2008.

MALINOVSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”).

MARIANO, Ricardo. **Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2014.

_____. **Neopentecostais : Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil** .Edições Loyola, São Paulo, 1999.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), p 121-138, 2005.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra; SILVA, Rogério Rodrigues da. **Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional**. Psico-USF, v. 11, n. 1, p. 103-112, jan./jun.

2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v11n1/v11n1a12.pdf>. Acesso: 09/11/2017.

RODRIGUES, Donizete; MENDES, Fábio Marques. **O Triângulo Religioso EUA-América Latina-Ásia: o caso da Primeira igreja evangélica Batista de Marília-SP**. In: VII Congresso Português de Sociologia, Universidade de Évora (Portugal), de 14 a 16 de abril de 2014, Évora. VII Congresso Português de Sociologia, 2014.

RODRIGUES, José Albertino (org.). **Émile Durkheim. Sociologia**. São Paulo, Editora Ática, 2000.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. **Pentecostalismo e Pós-Pentecostalismo**. Revista Eletrônica Inter-Legere. Número 2 – julho a dezembro de 2007. p 1-7 disponível em: <http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/2/es01.pdf>. Acesso 14 de janeiro de 2017.

SILVA DIAS, Caroline Luz. **Neopentecostalismo e “visão celular no modelo dos 12”**: novas formas de ser protestante no brasil. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SOUSA, Diego Darlisson dos Santos. **Igrejas no modelo de Células: um estudo da igreja do Evangelho Quadrangular em Santarém**. In. 30ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia. Anais GT 39 Sessão 2. 2016B. Disponível: http://www.30rba.abant.org.br/simposio/view?ID_MODALIDADE_TRABALHO=2&ID_SIMPOSIO=46. Acesso em 08/04/2018.

SOUZA, André Ricardo de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. **Duas igrejas expoentes do novo empreendedorismo pentecostal**. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v.3, p.111-127,2013.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**. A maldição de Adão. Volume II. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Edson Nunes (org.). **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**, vol. 1. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

_____. **Economía y Sociedad: Esbozo de sociologia comprensiva**. México: FCE, 1964.

_____. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

_____ **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.